



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO EM ESTUDOS DE GÊNERO E DIVERSIDADE**

ALAGOIN BAHIAN CARLOMAGO DIAS

**DANDO CONTA DO CORPÃO:
ATIVISMO ANTIGORDOFÓBICO EM SALVADOR**

Salvador
2021

ALAGOIN BAHIAN CARLOMAGNO DIAS

**DANDO CONTA DO CORPÃO:
ATIVISMO ANTIGORDOFÓBICO EM SALVADOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharela em Estudos de Gênero e Diversidade, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal da Bahia.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Clarice Costa Pinheiro.

Salvador
2021

ALAGOIN BAHIAN CARLOMAGO DIAS

DANDO CONTA DO CORPÃO: ATIVISMO ANTIGORDOFÓBICO EM SALVADOR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharela em Estudos de Gênero e Diversidade, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia.

Aprovada em 17 de novembro de 2021.

Clarice Costa Pinheiro – Orientadora _____
Doutora em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos, pela Universidade Federal da Bahia
Universidade Federal da Bahia.

Mirani Cristina de Barros _____
Mestra em Saúde Coletiva, pelo Instituto de Medicina Social.
Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Maise Caroline Zucco _____
Doutora História, pela Universidade Federal de Santa Catarina.
Universidade do Estado da Bahia.

Aos meus pais, *in memoriam*.

AGRADECIMENTOS

A minha família e amig@s, pelo apoio e incentivo.

Às professoras e colegas do Bacharelado em Gênero e Diversidade, pela partilha de saberes e experiências.

À Profa. Clarice Pinheiro, cuja orientação foi fundamental para manter a "chama" acesa, nos vários momentos em que ela - quase - se apagou...

A todas as ativistas, do "mundo real" e do "mundo virtual", que contribuíram para que esta pesquisa se materializasse, especialmente a Adriana Santos, Nélia Almeida, Sandra Santos, Naiana Ribeiro e Lucrecia Masson.

Às Forças da Natureza: Terra, Água, Sol e Ar, às quais busco me conectar, e que são, eu creio, formas de manifestação de Deus.

Las gordas nos vemos definidas a través de un ojo externo, de una mirada que no es la nuestra.

Magdalena Piñeyro (2016, p.32)

RESUMO

As discussões sobre o preconceito contra o corpo gordo, denominado gordofobia, têm se intensificado nos últimos anos, no Brasil, tanto no âmbito da academia, quanto no ativismo social. Na caracterização do preconceito gordofóbico destacam-se, entre outros, os fenômenos da estigmatização social e da patologização, que é a associação do corpo gordo à ideia de doença e morbidade. As mulheres são as vítimas recorrentes desse tipo de preconceito. A pesquisa objetiva mapear os principais Coletivos e Grupos antigordofobia de Salvador, e analisar seus objetivos, propostas e ações. Pretende, ainda, à luz da crítica decolonial, desvelar as origens culturais, ideológicas e epistêmicas do preconceito gordofóbico. Como recursos metodológicos, utiliza entrevistas semiestruturadas, consultas à Web (Internet), breve revisão bibliográfica sobre o tema gordofobia e sobre os estudos decoloniais. Evidencia, como resultados, os pontos de convergência e os dissensos no interior do ativismo gordo, e aponta certas "questões lacunares", como o recorte geracional e o recorte classe-renda, ainda pouco explorados nas discussões sobre a temática.

Palavras-chave: gordofobia, *fat studies*, ativismo social, estudos decoloniais.

RESUMEN

Las discusiones sobre el prejuicio contra la grasa corporal, llamado gordofobia, se han intensificado en los últimos años en Brasil, tanto en la academia como en el activismo social. En la caracterización del prejuicio gordofóbico destacan los fenómenos de estigmatización social y patologización, que es la asociación del cuerpo adiposo con la idea de enfermedad y morbilidad, siendo las mujeres las víctimas recurrentes de este tipo de prejuicios. La investigación tiene como objetivo mapear los principales colectivos y grupos antigordofobia en Salvador, y analizar sus objetivos, propuestas y acciones. También pretende, a la luz de la crítica decolonial, desvelar los orígenes culturales, ideológicos y epistémicos del prejuicio gordofóbico. Como recursos metodológicos, utiliza entrevistas semiestructuradas, consultas Web (Internet), una breve revisión bibliográfica sobre el tema de la fobia a las grasas y sobre estudios descoloniales. Como resultado, resalta los puntos de convergencia y disensiones dentro del activismo gordo, y señala ciertos "temas no cubiertos", como el enfoque generacional y el enfoque de clases, que aún son poco explorados en las discusiones sobre el tema.

Palabras clave: gordofobia, *fat studies*, activismo social, estudios descoloniales.

SUMÁRIO

Introdução	9
"Vai quebrar a balança!"	
Capítulo 1	16
O ativismo gordo e a perspectiva decolonial - algumas reflexões	
1.1 Corpo feminino na modernidade, representações (breves considerações)	16
1.2 Estudos do corpo gordo e precursores do ativismo gordo	20
1.3 Discutindo gordofobia	23
1.4 Vertentes do movimento gordo	33
1.5 Esmiuçando o preconceito: a herança colonial e a trama gênero/raça/classe	36
Capítulo 2	42
Coletivos e movimentos antigordofobia em Salvador	
2.1 Mapeamento	42
2.2 Relatos	46
2.2.1 Acessibilidade	46
2.2.2 Representatividade	49
2.2.3 Cirurgia bariátrica	53
2.2.4 Atendimento médico e patologização	54
2.2.5 Beleza, mercado de trabalho e os concursos <i>plus size</i>	56
2.2.6 Diversidade	58
2.2.7 Perspectivas para o futuro	60
Considerações finais	62
Referências	65

Introdução:

"Vai quebrar a balança!"

Mesmo mantendo sobrepeso, tenho percebido que, de uns tempos pra cá, as pessoas evitam se referir a mim como gorda; talvez para amenizar o que lhes pareça ofensa, usam expressões como "forte", "corpulenta", ou ainda "cheinha". Na minha infância, contudo, colegas da escola e pessoas da família eram bem menos "politicamente corretos": eu era a "parruda" pra um tio muito presente, e a "bolota" para primos e primas; na escola, lembro de ter sido chamada de "pata gorda" e de "saco de banha" por algum(a) colega, em momentos de animosidade.

Professoras, sobretudo as de Educação Física, diziam que, considerando minha idade e altura, eu "estava gorda", e "precisava emagrecer". Nada obstante meu bom desempenho nas atividades físicas, todo ano meu coração de criança ficava apertado pois se procedia, naquela disciplina, a tal "avaliação biométrica"¹, quando todos da turma, dispostos em fila, éramos pesados, um a um. Era natural que crianças fizessem comentários e comparações entre si, mas eu só esperava, aflita, o coro doloroso, na minha vez: "*Vai quebrar a balança!*"

Foi assim que, na adolescência, comecei a fazer por conta própria uma série de dietas, jejuns e restrições alimentares, sempre com o objetivo de, no ano seguinte, surpreender colegas e professores com um "corpo novo", um corpo magro. O que, na minha cabeça, me resguardaria de muitas frustrações, dentre as quais, a famigerada biometria e, a pior de todas: não ser escolhida nas apresentações de dança, nas festinhas do ginásio. Dietas que hoje enxergo como sandices, como ficar até dois, três dias à base de água, ou comer apenas uma laranja por dia, para não cair de inanição, eram justificadas pelo ideal a que me impunha. Pena não existir uma Thaís Carla² naquele tempo, para me redimir!

O tempo, a que me refiro, foi a década de setenta, e parte da de oitenta, período de minha infância e adolescência. Desde lá, alternando fases de maior e menor peso, jamais consegui, e provavelmente jamais conseguirei, alcançar o corpo por mim sonhado, sob a forte influência de

¹ O exame biométrico, ou biometria, é utilizado nas escolas para medir peso, altura e IMC (Índice de Massa Corpórea) dos alunos. Os dados são lançados no Diário de Classe para fins de acompanhamento e estatística.

² Thaís Carla da Rocha dos Santos é dançarina e coreógrafa gorda carioca. A partir de 2009, participou de vários programas de televisão. Recentemente, integrou o corpo de bailarinos da cantora Anitta. É também ativista gorda. Fonte site www.purepeople.com.br

uma cultura e de uma ideologia de controle e dominação da mulher através da imagem corporal, o "ideal de perfeição" feminina, vale dizer, o corpo magro.

Experiências como a minha são, infelizmente, bastante frequentes entre crianças e adolescentes, sobretudo mulheres. Os casos de bulimia e anorexia entre meninas são muito comuns, sem falar nas ocorrências extremas de suicídio, quando o assédio e o preconceito tornam-se insuportáveis³. No livro *O mito da beleza*, Naomi Wolf (1992) analisa como, na modernidade, as dietas para perda de peso alienam politicamente as mulheres na medida em que, ao mortificar seus corpos e anestesiar suas mentes, operam uma "contenção" à evolução do feminismo:

[...] a gordura na mulher é alvo de paixão pública, e as mulheres sentem culpa com relação à gordura, porque reconhecemos implicitamente que, sob o domínio do mito, os nossos corpos não pertencem a nós mas à sociedade, que a magreza não é uma questão de estética pessoal e que a fome é uma concessão social exigida pela comunidade. Uma fixação cultural na magreza feminina não é uma obsessão com a beleza feminina mas uma obsessão com a obediência feminina.(p. 247)

Wolf afirma ainda que "o hábito da dieta é o mais possante sedativo político na história feminina" (p. 248), pois limita a representação das mulheres a um ideal de corpo que não existe, a uma imagem que não liberta, mas silencia e aprisiona.

O debate feminista proporcionado pelo Bacharelado em Gênero e Diversidade, aliado às experiências e traumas pessoais, suscitaram em mim a necessidade de desenvolver um olhar mais crítico sobre certos fenômenos sociais relacionados à temática do corpo e, de modo específico, do corpo gordo feminino e suas representações.

Com essa preocupação, no verão de 2017, chamou minha atenção uma matéria sobre um evento que foi realizado na praia do Porto da Barra, em Salvador, veiculada num noticiário local de televisão⁴. A matéria mostrava um grupo de mulheres jovens e gordas, de maioria negra, vestidas com biquínis e maiôs, empunhando cartazes com frases afirmativas de confiança e autoestima. A reportagem destacava a luta pelo direito de mulheres gordas exibirem seus corpos na praia, sem constrangimento e como forma de protesto contra o preconceito e a discriminação. Tratava-se de uma manifestação promovida pelo Coletivo Vai Ter Gordas, e aquela visão me

³ Estimativas recentes apontam que os transtornos alimentares atingem 5% da população mundial. No Brasil, seriam 10,4 milhões de pessoas, na proporção de 10 mulheres para cada homem. Fonte: Blog Saúde é pop. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/blog/saude-e-pop/transtornos-alimentares-hora-do-almoco-ou-do-pesadelo/> Acesso em: 9 mar. 2020.

⁴ Telejornal Bahia Meio Dia, da afiliada local da Rede Globo, em horário vespertino; tem público de amplo espectro.

mobilizou, não só pela questão estética, como pelo propósito social e político. Naquela altura, cogitava temas para meu trabalho de conclusão de curso, dali a alguns semestres; considerei, então, a possibilidade de aprofundar o tema.

Em 2018, como avaliação da disciplina Gênero e Cultura, optei por apresentar um seminário sobre um dos temas do programa, até então inédito para mim, Colonialidade/Decolonialidade. Que de certo modo, também norteou a escolha do tema proposto neste trabalho. Causou-me bastante interesse a força dos argumentos históricos e culturais, e também a proposta política envolvida nessa corrente de pensamento, razão pela qual julguei pertinente utilizá-la como suporte para a discussão que realizo neste trabalho⁵.

Em linhas gerais, os estudos decoloniais, ou descoloniais, representam a propositura de uma reação crítica, epistêmica, sócio-política e cultural aos desdobramentos, ou sequelas, da colonialidade, processo decorrente do colonialismo europeu que, a partir de 1492, com a expansão marítima e a conquista de novas terras, promoveu a dominação, a exploração e a subalternização dos povos, das riquezas naturais e das culturas dos povos originários das regiões do planeta que viriam a se tornar a América e a África.

A colonialidade se estende para além do colonialismo, como um fenômeno histórico complexo, que opera segundo algumas lógicas, quais sejam: a naturalização da ideia de **raça**, que mantém e garante a superioridade de uns seres humanos sobre outros; a transformação da relação entre a atividade laborativa (trabalho) e a força de produção (trabalhador) em uma relação de dominação/exploração/conflito, que sustenta o **capitalismo**; a validação de certos saberes (científico, racional, letrado) e cosmovisão (branca, europeia) como superiores, em detrimento de outros saberes e subjetividades, denominada **eurocentrismo**; a essencialização da ideia de **gênero** e o engessamento da sexualidade humana.

Estudiosos de diversas nacionalidades latino-americanas e do Caribe contribuíram para a formulação desse instrumento analítico; Aníbal Quijano, sociólogo peruano, cunhou o termo "colonialidade do poder", também chamado Padrão Colonial do Poder ou Matriz Colonial do Poder, importante eixo de sustentação do arcabouço teórico decolonial:

[...] a colonialidade do poder é entendida como um padrão do poder global das relações de dominação/exploração/confronto em torno do trabalho, natureza, sexo, subjetividade e autoridade. Essas relações são concebidas a partir de uma perspectiva que sublinha sua heterogeneidade estrutural histórica em cada uma

⁵ Destaco os artigos "Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina", de Aníbal Quijano, e "Colonialidade, o lado mais escuro da modernidade", de Walter D. Mignolo, indicados na bibliografia.

dessas áreas. Além disso, no capitalismo mundial colonial/moderno, as três linhas de classificação social foram trabalho, raça e gênero. (2010, p. 131)⁶

Walter Mignolo (2017), semiólogo argentino, assevera que a "colonialidade é o lado mais escuro da modernidade", e argumenta que a crítica decolonial surge como um "esforço analítico" para entender e superar a lógica da colonialidade; e as ações descoloniais surgiram e se desdobram "como respostas às inclinações opressivas e imperiais dos ideais europeus modernos projetados para o mundo não-europeu" (p. 2).⁷ Como exemplo, as tentativas de definir e categorizar as pessoas como normais ou anormais, teoria fortemente associada à Eugênia, ciência que busca determinar quais seriam os seres humanos com o melhor patrimônio genético, e que foi utilizada como justificativa para prática de genocídio, escravidão e colonização.

Em nossa fundamentação teórica, portanto, almejamos realizar esse "esforço analítico", à luz da crítica decolonial, para desvelar as origens culturais, ideológicas e epistêmicas do preconceito gordofóbico, e tentar depreender como o ativismo gordo se alinha ao debate proposto por essa corrente de pensamento.

O projeto de pesquisa, apresentado em julho/2019, teve, de fato, o Coletivo Vai Ter Gorda como objeto, embora, naquele ponto, as conversas em Iniciação Científica II, as pesquisas e as leituras tenham me levado a outros grupos de ativismo gordo, ou antigordofóbico da nossa capital, como o Movimento Gordo da Bahia, indicado pela colega Jéssica Ipólito (militante gorda e idealizadora do blog "Gorda e Sapatão") e o Coletivo de Pessoas com Obesidade do Estado da Bahia, indicado por Naiana Ribeiro, jornalista e ativista gorda, que conheci através de pesquisas na Internet⁸. Assim sendo, decidi incluí-los na monografia, em razão de serem os pioneiros, contarem com o protagonismo de mulheres, desenvolverem atividades/mobilizações regulares ao longo do ano (e não apenas no verão), e promovem encontros e eventos presenciais, além da atuação nas redes sociais.

⁶ No original: "Propuesta por Quijano, la colonialidad del poder es entendida como un patrón de poder global de relaciones de dominación/explotación/ confrontación en torno al trabajo, la naturaleza, el sexo, la subjetividad y la autoridad. Estas relaciones son concebidas desde una perspectiva que subraya su heterogeneidad histórico estructural en cada uno de dichos ámbitos. Además, en el capitalismo mundial colonial/moderno, las tres líneas de clasificación social han sido el trabajo, la raza y el género.", em RESTREPO, Eduardo e ROJAS, Axel. Inflexión decolonial, Popayán, Colombia, Universidad del Cauca, Instituto Pensar, Universidad Javeriana, 2010, p. 131 (Tradução minha).

⁷ MIGNOLO, Walter. Colonialidade. O lado mais escuro da modernidade. Rev. Bras. Ci. Soc. [online]. 2017, vol.32, n.94. Disponível em: https://www.academia.edu/33659565/Colonialidade_o_lado_mais_escuro_da_modernidade. Acesso em: 10 fev. 2020.

⁸ Naiana Ribeiro também é influenciadora digital e palestrante. Editou a primeira revista eletrônica PLUS direcionada ao público feminino gordo - a revista PLUS -, em maio/2016.

Importante salientar que o ativismo gordo realizado nos meios virtuais é cada vez mais frequente. No artigo "A emergência do ativismo gordo no Brasil" (utilizado como fonte de pesquisa neste trabalho), Natália Rangel (2017) discorre sobre as formas de organização do ativismo gordo brasileiro por meio da internet. Contudo, nossa intenção aqui é analisar mais sistematicamente como se dão as mobilizações, para além das redes, na forma presencial, em nossa cidade.

As tentativas de contato com as representantes dos grupos a serem contemplados na pesquisa tiveram início por volta de agosto de 2019, via *e-mail* e *WhatsApp*. Logrei obter resposta tempestiva do Vai Ter Gorda e do Coletivo de Pessoas com Obesidade, através de suas representantes Adriana Santos e Nélia Almeida, respectivamente. Tive, entretanto, certa dificuldade de acesso ao Movimento Gordo da Bahia, pela falta de retorno, que só ocorreu em janeiro de 2020, quando fui informada, por uma das coordenadoras, Sandra Santos, que o grupo teria suspenso temporariamente suas atividades, mas que havia a pretensão de retomá-las naquele ano.

Para o desenvolvimento da pesquisa, nossa ideia era conhecer, de antemão, as lideranças, apresentar-me e apresentar as linhas gerais do trabalho para, posteriormente, ter acesso ao maior número possível de participantes, com as quais faria as entrevistas, incluindo, é claro, as próprias coordenadoras de cada grupo. Busquei também participar dos eventos promovidos pelos Coletivos, e de rodas de conversa e debates afins, com o intuito de refinar os argumentos da pesquisa e/ou reformular algum aspecto da investigação, e, assim, melhor estruturar o trabalho.

Numa dessas oportunidades, um debate realizado na Casa Ninja Bahia, dia 18 de janeiro de 2020⁹, através da intervenção de Carla Leal, ativista gorda, tive conhecimento do grupo chamado "A Liga Transforma", o qual, nas palavras da representante, buscava levar a discussão antigordofobia para novos espaços, como escolas das comunidades de Salvador. Segundo ela:

[...] nós [mulheres gordas] apanhamos de todos os lados; então a gente tem que trabalhar essa questão psicológica; esses encontros são importantes; é importante que deixe de ser em um lugar que só acessem pessoas de um melhor poder aquisitivo; é por isso que eu tô em um projeto chamado A Liga: a gente vai pros bairros, a gente tem que ter essa consciência de sair das universidades, de sair dos espaços privilegiados e ir pras comunidades; a gente precisa atingir as escolas, a gente precisa atingir as pessoas¹⁰.

⁹ Debate "Gordas, sim!" com participação de Laura Augusta, Thaís Carla e Adriana Santos; mediação de Naiana Ribeiro. Disponível em : https://m.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=918091772037874&_rdr. Acesso em: 3 out. 2020.

¹⁰ Ver a íntegra da fala nas redes sociais da Casa Ninja Bahia, conforme citado acima.

Até então, não tinha qualquer informação sobre aquele grupo; decidi levantar dados sobre suas propostas e ações, com vista a integrá-lo ao escopo da pesquisa. Face à ocorrência da pandemia de Covid-19, entretanto, essa ideia foi abandonada, assim como a pretensão de incluir mais entrevistas, para além daquelas que seriam concedidas pelas coordenadoras de cada grupo. Tal intento poderá ser resgatado em pesquisas posteriores.

De acordo com o que foi até aqui abordado, este trabalho tem como objetivo principal, realizar o mapeamento dos três coletivos, a saber, o Movimento Gordo da Bahia, o Coletivo Vai Ter Gordas e o Coletivo de Pessoas com Obesidade do Estado da Bahia, com destaque para seus históricos, particularidades, pautas e atividades.

Como objetivos secundários temos a identificação das possíveis tensões entre eles, e também suas interfaces e tangenciamentos. Para tanto, pretendemos utilizar, como recursos metodológicos, entrevistas semiestruturadas com as ativistas, pesquisas na Web (Internet), breve revisão bibliográfica sobre o tema da gordofobia e sobre o pensamento decolonial. A partir das entrevistas realizadas, procederemos à análise qualitativa dos dados, cotejando-os com as referências teóricas utilizadas e que vão, de certo modo, fundamentar a construção e objetificação deste trabalho.

Estruturalmente, este trabalho está dividido em três partes: **Capítulo 1**, intitulado **O ativismo gordo e a perspectiva decolonial - algumas reflexões**, é o capítulo no qual apresentamos um breve resumo sobre as condições sociais e históricas, que fundaram as ideologias modernas do preconceito contra o corpo gordo feminino; aspectos dos estudos e debates sobre o corpo gordo (*fat studies* e ativismo) na América; alguns conceitos relacionados à gordofobia; os fenômenos da estigmatização e da patologização; traços da crítica decolonial e os recortes de gênero, raça e classe no preconceito gordofóbico.

O capítulo 2, intitulado **Coletivos e movimentos antigordofobia em Salvador**; está subdividido em duas partes: na primeira, **Mapeamento**, fazemos um breve histórico dos três Coletivos pesquisados, e na segunda, **Relatos**, apresentamos trechos das entrevistas realizadas, os quais agrupamos por temas, como acessibilidade, representatividade, cirurgia bariátrica, beleza, mercado de trabalho e os concursos *plus size*, diversidade, e outros.

Na última parte, a terceira, apresentamos as **Considerações Finais** para este trabalho, mas que de modo algum representam um esgotamento do tema aqui proposto.

Por fim, gostaríamos de ressaltar que o uso do aumentativo "corpão", no título desta monografia, não visa sugerir qualquer juízo de valor ou ideia/status de superioridade do corpo gordo sobre os demais corpos; trata-se, antes, de uma "licença", um recurso estilístico para dar ênfase ao debate a que nos propomos.

Capítulo 1:

O ativismo gordo e a perspectiva decolonial - algumas reflexões

1.1 Corpo feminino na modernidade, representações (breves considerações)

O corpo humano não é apenas um aparato ou uma estrutura orgânica, sujeita às leis naturais de nascimento, envelhecimento e morte; é também uma síntese da cultura, produto e código dos valores históricos de cada época. Enquanto no passado os corpos eram dissecados para se lhes buscar uma "essência", ou "alma" - para conhecer sua anatomia e compreender a "mecânica" de seu funcionamento -, nos tempos atuais buscam-se os sentidos (culturais, ideológicos, políticos) que o corpo carrega, e em que medida essa "carga" simbólica a ele atribuída determina, limita e/ou expande as possibilidades da existência humana.

Na história ocidental moderna, em diferentes períodos, o corpo feminino, especialmente, tem sua representação associada à ideia de malignidade, de inapropriação e de insubmissão: do século XIV ao século XVIII, acusada de feitiçaria e pacto com o diabo, a *bruxa* foi perseguida, torturada, mutilada. Estima-se que milhares de mulheres foram queimadas vivas nas fogueiras da Inquisição; seus corpos foram **literalmente mortos**. No século XIX, para conter sua pulsão sexual, sua libido e sua força vital criativa, a *histerica* foi amordaçada, sedada, interdita; um corpo **parcialmente morto**, meio vivo, meio zumbi. No século XX até nossos dias, por não atender aos padrões ditados pela ciência biomédica, pela estética, pela indústria do hiperconsumo, a *gorda* vem sofrendo um processo sistemático de desqualificação, de alienação e de invisibilização; seu corpo sendo **simbolicamente morto**. (WOLF, 1992; SANT'ANNA, 2014; FEDERICI, 2017)

Capitalismo, racismo, patriarcado, sexismo e misoginia, são as engrenagens ideológicas que, não obstante envolvam a todos os indivíduos, homens e mulheres, de variadas formas no tempo e no espaço, afetam as mulheres gordas de maneira ainda mais violenta e opressiva, seja via corpo físico, seja na construção de suas subjetividades. As mulheres, de modo geral, de diferentes maneiras no espaço-tempo, oferecem resistência e luta contra esses sistemas de aniquilamento.

Os movimentos sociais surgidos ou ressurgidos, principalmente a partir da segunda metade do século XX, o movimento feminista, o movimento negro e outros movimentos pelos

direitos humanos, tiveram papel fundamental na discussão sobre a condição feminina e na conquista de uma maior autonomia política e intelectual, de maior liberdade sexual e do progressivo ingresso da mulher branca de classe média no mercado de trabalho. Como estratégia de reação, ou em contra-ofensiva, as engrenagens ideológicas, capitalismo, patriarcado e racismo, vêm "atualizando" suas formas de domínio e controle do corpo feminino, através dos grandes mecanismos da modernidade: ciência, mídia e consumo de massa. (WOLF, 1992; SANT'ANNA, 2014)

Entre final do século XIX e ao longo do século passado, eventos como o surgimento e a popularização dos meios de comunicação (revistas, televisão), da publicidade, da indústria cinematográfica e pornográfica, dos concursos de beleza, entre outros, passaram a cobrar da mulher a manutenção (e em muitos casos, a conquista) de padrões de beleza e aparência física muito, digamos, tirânicos: era preciso ter um rosto de menina num corpo enxuto de mulher. (WOLF, 1992).

Além disso, as mudanças decorrentes da rápida industrialização das sociedades, do crescimento dos meios de transporte, do avanço da ciência - com grandes investimentos na indústria farmacêutica, de alimentos e de vestuário, provocaram alterações na rotina e nos hábitos das populações, sobretudo dos centros urbanos. O advento da roupa pronta, de fábrica, em substituição à roupa feita sob encomenda, por exemplo, ditou padrões de medidas para os corpos femininos: busto, cintura, quadril e coxas. A indústria da moda, que surgia então com toda força, "interpretou" que aquela mulher sexualmente liberada, do final do século XX, é ávida por ocupar as empresas deveria ter "uma aparência mais magra do que gorda" (SANT'ANNA, 2014).

Com o crescimento e expansão da indústria alimentícia das comidas prontas ou semiprontas do século XX, a alimentação saudável, que demandava tempo e dedicação, foi dando lugar às comidas instantâneas e artificiais, que atendiam pronta e rapidamente a uma população cada vez mais urbana e com menos tempo para as lides domésticas. Paralelamente, dietas de restrição calórica e de redução do excesso adiposo começavam a serem amplamente disseminadas, juntamente com os chás, *shakes*, pós e compostos emagrecedores e produtos *light* e *diet*. Criando o "ideal" de que era preciso muita disciplina e auto-controle para atingir e manter as medidas do corpo dentro dos padrões desejados. Não tardaram a chegar os fármacos que ajudariam nessa empreitada: medicamentos para acelerar o processo de perda de peso, via alteração do metabolismo ou através da inibição do apetite. (SANT'ANNA, 2000).

Produtos cosméticos e de higiene pessoal ganharam forte apelo entre as mulheres, sempre associados à imagem de modelos brancas, lindas e jovens. Os cremes, géis e pomadas teriam o efeito milagroso de "queimar" a gordura localizada na barriga, nas coxas, nos flancos; e um arsenal quase infinito de tónicos, revitalizantes, condicionadores, fortalecedores, rejuvenescedores, ácidos, esfoliantes, suavizantes, hidratantes... e tantos outros produtos capazes de transformar um corpo real, em um corpo inacessível para a maioria absoluta das mulheres.

Não é de se estranhar os dados que mostram que a indústria de perfumaria e beleza é uma das mais lucrativas do mundo, com faturamento anual na casa dos bilhões de dólares. Mesmo num período de crise econômica em escala planetária, o setor mantém perspectiva de crescimento. O Brasil é o quarto maior mercado consumidor global de higiene pessoal, perfumaria e cosméticos, com 6,2% de participação de mercado e um total de USD 30 bilhões em vendas ao consumidor no ano de 2018, segundo dados do Anuário 2019 da ABIHPEC – Associação Brasileira da Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos. O crescimento em 2020 deve ficar em torno de 1,1% acima de 2019, quando o segmento faturou R\$ 116,8 bilhões.¹¹

As promessas são sempre tentadoras. Enquanto redigia esses parágrafos, recebi as seguintes "ofertas", via *whatsApp*:

Produtos naturais, livres de corantes artificiais e parabens que funcionam no primeiro uso, parece mágica, mas é só a mistura de ingredientes naturais de boa qualidade.



Na imagem, a modelo de plástico impecável (perceptivelmente editada), aponta para o produto que "funciona no primeiro uso", e de maneira "mágica!". Na lista dos benefícios,

¹¹ Disponível em: <https://abihpec.org.br/anuario-2019/mobile/index.html#p=44>. Acesso em: 11 set. 2020.

podemos notar o uso de verbos como estimular, acelerar, prevenir e amenizar; a repetição do adjetivo "natural", e o uso da expressão "cem por cento" (100%), que reforçam a ideia de eficácia; além da associação do produto à maior autoridade institucional médico-científica nacional, o Ministério da Saúde.

Outro fenômeno social, muito intenso a partir dos anos de 1970 e 80, foi a disseminação de práticas para o condicionamento e modelagem do corpo físico, como a ginástica, a musculação e os esportes. Academias e clubes de lazer e desporto tornaram-se os templos de culto ao corpo, cujas medidas eram alvo de rigoroso monitoramento, auxiliado por um sem-número de aparelhos, acessórios e equipamentos. Nesse período, também se verificou uma grande popularização das balanças domésticas e do hábito de se pesar cotidianamente (SANT'ANNA, 2000, 2013).

Corpos "talhados" em academias expressavam, e ainda expressam, uma ideia de disciplina, de sucesso e de eficiência. Exercitar o próprio corpo, planilhá-lo, estabelecer-lhe objetivos e metas equivaleria, analogamente, a aplicar ao corpo físico os mesmos princípios da administração de uma empresa moderna, com vistas ao máximo rendimento e à alta produtividade/performance. (SANT'ANNA, 2000).

Foi também a partir da década de 1980 que as cirurgias estéticas, principalmente nos corpos das mulheres de classe média, ganharam capítulo especial. Naomi Wolf (1992) afirma que nesse período tem início a **Era da Cirurgia**, quando, por interesse financeiro e graças à grande influência como anunciantes junto às revistas femininas, médicos cirurgiões engendram o "darwinismo" da beleza feminina –uma espécie de seleção artificial, de acordo com a qual "somente as belas sobreviverão!"

Enquanto os médicos vitorianos ajudaram a sustentar uma cultura que precisava olhar as mulheres através do determinismo ovariano, os cirurgiões estéticos modernos fazem o mesmo pela sociedade ao criar um sistema de determinismo da beleza. (WOLF, 1992, p. 295)

As intervenções mais comuns incluíam o *lifting*¹², a rinoplastia, a lipoaspiração, a ninfoplastia e os implantes de próteses mamárias. Atualmente, as opções são bem mais variadas. Cada vez mais, em nome da beleza, muitas mulheres, ainda que saudáveis, se submetem a procedimentos estéticos, a despeito do grande padecimento envolvido em termos de dor, das implicações pós-operatórias, das cicatrizes e do risco de morte envolvidos. O implante de

¹² Cirurgia da face, tecnicamente conhecida como ritidoplastia. Procedimento cirúrgico para melhorar sinais visíveis de envelhecimento no rosto e no pescoço.

próteses de mama, por exemplo, implica para a mulher a perda da sensibilidade dos mamilos e, pode, eventualmente, encobrir tumores nessa região.

O que levaria milhares de mulheres, anualmente, a abrir mão de um corpo saudável, vivo e natural, por um corpo seccionado, estático e morto? Para Wolf, as imagens femininas disseminadas pela cultura de massa (revistas, cinema, televisão e pornografia) criaram e reforçam de maneira continuada o mito, que associa a beleza do rosto e do corpo da mulher à conquista de poder e liberdade. Essa ficção social, cultural e política, justificaria não apenas grande investimento de energia, tempo e dinheiro das mulheres, mas sobretudo a total distorção de sua auto-imagem, a insatisfação e o ódio contra seu próprio corpo, e a vigilância permanente dos corpos de seus pares.

Seios, coxas, nádegas, ventres: as partes mais importantes da mulher sob o aspecto sexual, cuja "feiura" se transforma, portanto, em obsessão. São essas as regiões espancadas com mais frequência por homens violentos. As partes que os assassinos sexuais mutilam mais. As partes mais profanadas pela pornografia pesada. As partes que os cirurgiões plásticos mais operam. As partes que produzem filhos e os amamentam; as que têm sentido sexual. Uma cultura misógina conseguiu fazer com que as mulheres odeiem o que os misóginos odeiam. (WOLF,1992, p.198).

O mito da beleza feminina, ao operar no âmbito imagético da comunicação de massa, no âmbito discursivo da ciência e no âmbito do interesse financeiro do mercado, associa o corpo "ideal" à magreza, à saúde e à beleza; em contraposição, o corpo feminino gordo é vinculado à ideia de feiura, de doença e de fracasso.

1.2 Estudos do corpo gordo e precursores do ativismo gordo.

As discussões sobre a condição do corpo gordo na sociedade contemporânea remontam à década de 1970 e se vinculam ao movimento pelos direitos civis, aos grupos de feministas radicais lésbicas americanas – no bojo do feminismo da segunda onda – e às entidades americanas que propugnavam a chamada *fat liberation* (liberação gorda). Em sua origem, os *Fat Studies* (Estudos do Corpo Gordo) tiveram forte influência do coletivo de mulheres gordas de Los Angeles, nos EUA, chamado *The Fat Underground*¹³, cuja ação visava principalmente questionar o discurso e a prática médica da dieta como solução para a perda de peso e a

¹³ Em tradução livre: Gordas Clandestinas, Gordas Ocultas.

prescrição de remédios, como as anfetaminas, cujos efeitos colaterais poderiam ser fatais para as pessoas gordas. O *Fat Underground* foi influenciado pelo Movimento de Terapia Radical (*Radical Therapy*) que desafiava os parâmetros da terapia mental convencional, por considerar o indivíduo gordo "mal ajustado". Outro precursor do Coletivo foi o Movimento do Orgulho Gordo (*Fat Pride*), de 1969, que, através da entidade americana *NAAFA - National Association to Advance Fat Acceptance* (Associação Nacional para Promover a Aceitação da Pessoa Gorda) – objetivava acabar com a discriminação com base no peso corporal (CONTRERA; CUELLO, 2016).

Para marcar seu nascimento, a partir de uma dissidência do *NAAFA*, o *Fat Underground* lançou, em 1973, o Manifesto da Liberação Gorda¹⁴ (*Fat Liberation Manifesto*), uma declaração escrita, que norteou a atuação e os objetivos do grupo, e cujos princípios – sete, ao todo – reverberam fortemente no ativismo gordo até nossos dias. Publicado por Judy Freespirit e Sara Fishman, o primeiro princípio afirma que "as pessoas gordas têm todo o direito ao respeito e reconhecimento humanos"; denuncia, nos demais, a exploração comercial de empresas (companhias de seguro, indústria da moda, de emagrecimento, de comida, farmacêutica) e instituições científicas (medicina e psiquiatria) que expõem o corpo gordo como doentio; reivindica o livre acesso a bens e serviços públicos, e o fim da discriminação no emprego, na educação, nos espaços públicos e no serviço de saúde, aliando-se a outros grupos marginalizados pelo classicismo, racismo, sexismo, discriminação por idade, exploração financeira, imperialismo e outros.

Na luta contra a indústria da dieta, o Coletivo fez coalizões com grupos feministas e se uniu à esquerda radical, mantendo-se em atividade até 1983. Para Charlotte Cooper, socióloga, escritora e ativista gorda inglesa,

O Fat Underground estava interessado na problemática do poder, especialmente o poder medicalizador e seu impacto negativo nas mulheres gordas. Seu feminismo incluía análises de gênero e sexualidade, incapacidade e raça, porém sua principal preocupação era uma noção mais abstrata do poder: o poder do sistema e da ação individual frente à opressão. O pessoal é político. [...] Criaram uma forma de entender o que é ser gordo dentro das culturas que buscam a aniquilação simbólica e material das pessoas gordas. Isto implicou na adoção de um modelo similar ao do ativismo da incapacidade, o qual afirma que não é a

¹⁴ *The Fat Underground* e o *Fat Liberation Manifesto*. Disponível em:

<https://sites.williams.edu/engl113-f18/foreman/the-fat-underground-and-the-fat-liberation-manifesto/> Acesso em: 25 set. 2020.

pessoa que deve mudar para se adaptar ao mundo, mas sim que o mundo deveria ser capaz de adaptar-se à diferença. (CONTRERA; CUELLO, 2016, p. 151).

Nos anos subsequentes, seu legado foi difundido, dentro dos Estados Unidos, pelas feministas da segunda onda e, posteriormente, por todo o Ocidente. Ao longo da década de 1990, sob a influência da terceira onda do feminismo, do movimento *queer* e do movimento *punk*, foi-se consolidando uma contracultura gorda, com a publicação de fanzines, ou zines, impressas ou eletrônicas, incorporando as novas tecnologias da internet. De acordo com Constanza A. Castillo (2014), o feminismo se alia à cultura do "faça você mesmo" (em inglês, DIY "Do It Yourself") "eliminando, de certa forma, as estruturas mais hierárquicas e acadêmicas de produzir conhecimento e fazer ativismo" (p. 48, tradução nossa).

Nos anos 2000, formou-se uma rede de blogs ativistas que, aos poucos, vão reunindo material e criando um arquivo digital para futuros estudos nesse campo. Concomitantemente ao incremento da retórica anti-obesidade, no Ocidente, nesse início de milênio, o acesso à tecnologia e as redes sociais têm acelerado o ativismo gordo, mediante uso de um discurso crítico e da adesão de muitos seguidores. (CONTRERA; CUELLO, 2016, p. 153)

Magdalena Piñeyro, escritora e ativista feminista uruguaia, ratifica essa percepção ao destacar a importância das redes sociais na difusão da produção sobre o corpo gordo e no fortalecimento do ativismo antigordofóbico em países de língua hispânica.

A Internet configura-se, no século XXI, como um grande espaço comunicacional, um poderoso agente socializador que cria realidades e também dissidências. Um amplo espectro de sites de temática antigordofóbica, *fanpages* do Facebook, revistas online, blogs, contas do YouTube e perfis do Twitter tomaram conta do ciberespaço. Do meu ponto de vista, o ativismo gordo de língua espanhola (pelo menos o que é popularmente conhecido e tem sido amplamente divulgado até hoje) começou por volta de 2012 com a ajuda das redes sociais, com um dos primeiros portais de internet do tema gordo: La Gordal Zine. (PIÑEYRO, 2016, p. 18; tradução nossa).

No Brasil, desde a década de 1990, podemos encontrar produções que versam sobre o corpo gordo, pessoas obesas e a gordura corporal, num viés historiográfico, como as obras de Denise Bernuzzi Santa'Anna e Mary Del Priori.

Conforme pudemos apurar pelo relato de uma das entrevistadas, a plataforma Orkut, em meados dos anos 2000, foi o embrião do que viria a se tornar, mais tarde, o ativismo gordo e antigordofóbico nas redes sociais, em nossa cidade.

1.3 Discutindo gordofobia

Gordofobia é um termo recente na língua portuguesa, para o qual não há, até o momento, um conceito consagrado. Pesquisas apontam que sua origem tem ligação com os estudos sobre a gordura corporal (*fat studies*) realizados nos Estados Unidos, e com a militância de pessoas gordas americanas que passaram a questionar e a lutar contra o rechaço sofrido pelo corpo gordo, chamado de *fatphobia*. A expressão inglesa teria sido cunhada por ocasião de um estudo realizado em 1984, por Robinson, Bacon e O'Reilly¹⁵, em Minnesota (EUA), o qual registrou as atitudes negativas da população local em relação aos estereótipos relacionados aos sujeitos gordos (CASTILLO, 2014, p. 37).

A gordofobia, ou lipofobia, é definida como o preconceito, a aversão ou a exclusão sofrida pela pessoa gorda, desde os círculos familiares ao ambiente social mais amplo, real ou virtual, cujas formas mais recorrentes de manifestação são aquelas que vinculam a gordura à ideia de doença, de improdutividade –ou de baixa produtividade– de inadequação e de feiura. A gordofobia pode atingir homens e mulheres, na sua experiência afetiva, social e profissional, mas são sobretudo as mulheres gordas os alvos mais frequentes da discriminação.

Nos últimos anos, no Brasil e em outros países, o debate sobre o tema, sobre as formas de resistência e sobre as estratégias de combate a esse tipo de estigmatização têm ocorrido fortemente via militância social pela afirmação da pessoa gorda, o chamado ativismo gordo, praticado principalmente através das redes sociais. Criadora do blog **Gorda e Sapatão**, a ativista Jéssica Ipólito considera que não há um consenso sobre o conceito de gordofobia já que os corpos gordos são diferentes em suas vivências.

Eu entendo como gordofobia as inúmeras manifestações de ódio e ojeriza, institucionalizadas e individualizadas, contra as pessoas gordas, o que não se limita à dificuldade em encontrar roupas (essa é só um viés da gordofobia). Eu falo de pessoas gordas, aquelas que sentem na pele o cerceamento do seu ir e vir nos espaços públicos, principalmente, como ônibus e suas catracas horrendas, bancos e cadeiras estreitas e apertadas, poltronas... Além de todo o imaginário social criado a respeito da pessoa gorda, calcado em estereótipos pejorativos e depreciativos, que recai na nossa subjetividade causando lacunas irreparáveis.¹⁶

¹⁵ Trata-se do relatório "*Fat phobia: measuring, understanding, and changing anti-fat attitudes*" cuja tradução livre seria "Fobia de gordura: medir, compreender e mudar as atitudes anti-gordura".

¹⁶ Entrevista com Jész Ipólito: **Gordofobia não é isolada!** Disponível em: <https://medium.com/ograndeclose/entrevista-com-j%C3%A9sz-ip%C3%B3lito-gordofobia-n%C3%A3o-%C3%A9-isolada-45ba1021ac08>. Acesso em: 23 fev. 2020.

Jéssica Ipólito destaca ainda que a patologização da pessoa gorda ainda existe, mas que o debate e a militância têm contribuído para que a própria pessoa se compreenda como digna, e encare seu tamanho com normalidade.

Estamos aprendendo que ser gorda não é um xingamento ou palavrão; ser gorda é também ser linda e admirável! Pouco a pouco estamos quebrando a lógica perversa que está posta para alijar mentes e menosprezar corpos. São passos pequenos, mas muito importantes para uma construção futura de militância mais forte, estruturada, coesa e assertiva.¹⁷

Para Milly Costa, integrante do *Coletivo Gordas Livres*, gordofobia se traduz como

[...] o medo irracional de se tornar gordo e vem da lipofobia, que é uma aversão patológica à gordura. O agressor repele aquilo que tem medo de se tornar e é aí que nasce a gordofobia. Entre os atos cometidos por quem é gordofóbico estão a opressão, a inferiorização, a repulsa e o sentimento de raiva.¹⁸

A escritora e poeta Jarid Arraes (2017) diz que "não é necessário nenhum esforço extraordinário para compreender a gordofobia; a própria palavra sugere um acentuado desconforto e sentimento de repulsa contra pessoas gordas." Lembra que existe uma vasta quantidade de imagens negativas produzidas para demonstrar quanto pessoas gordas são desagradáveis e repulsivas como, por exemplo, uma mulher gorda usando roupas justas ou frequentando a praia de biquíni, ou mesmo o desprezo sentido por "um homem obeso que come prazerosamente na praça de alimentação do shopping."

Em seu artigo "Gordofobia: um assunto sério"¹⁹, veiculado no *Portal Geledés*, a escritora Jarid Arraes aponta para uma sequela comum entre vítimas do preconceito sistematizado: a distorção da autoimagem.

Para aquelas que sempre foram "gordinhas" desde a infância, é incrivelmente comum crescer com ódio internalizado de si mesma: são muitos anos de *bullying* e cobranças sociais, que acontecem não apenas no ambiente escolar, como também na televisão, nas revistas, nos círculos sociais de amigos ou no núcleo familiar. Dificilmente uma criança gorda não ouvirá de seus próprios parentes que é preguiçosa, come demais e precisa 'se cuidar'. A pressão para emagrecer é gigantesca de tal modo que é muito improvável uma pessoa gorda não ter um histórico de transtornos alimentares ou problemas psicológicos causados pela autoestima severamente prejudicada.

¹⁷Idem.

¹⁸ **Gordofobia: Entenda esse preconceito e como ele pode ser combatido.** Disponível em: <https://revistaglamour.globo.com/Lifestyle/noticia/2017/04/gordofobia-entenda-esse-preconceito-e-como-ele-pode-ser-combatido.html>. Acesso em: 1 maio 2020.

¹⁹ **Gordofobia: um assunto sério.** Disponível em: <https://www.geledes.org.br/gordofobia-um-assunto-serio-por-jarid-arraes/>. Acesso em: 01 de maio de 2020.

Arraes pondera que é papel do feminismo combater o discurso de ódio e de má-fé, muitas vezes disfarçado pelo discurso da preocupação com o cuidado e o bem-estar da pessoa gorda.

[...] é necessário lutar contra a imposição de padrões, seja de aparência, roupas ou comportamentos. Cuidar de si mesma e amar outras pessoas significa não constrangê-las e envergonhá-las. Ninguém jamais deveria impor à outra pessoa, não importa quem seja, nenhum tipo de roupa, alimentação ou comportamento. Faz-se extremamente necessário o empoderamento das pessoas gordas na sociedade e é nosso papel, como seres humanos, colaborar com o importante processo de valorização e reconstrução de autoestima que elas merecem. Todas as pessoas devem ter o direito de viver plenamente.

Na caracterização do preconceito gordofóbico, duas questões aparecem de forma recorrente: a estigmatização social e a patologização da pessoa gorda. Investigado pelo sociólogo canadense Erving Goffman (1922-1982), em seu livro *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*, de 1963, o conceito de estigma –que remonta aos gregos– diz respeito às expectativas normativas das pessoas ditas "normais" sobre aqueles indivíduos, ou grupos, considerados desviantes, os estigmatizados; dessa forma, os "normais" passam a desfrutar de "status" e "prestígio", enquanto o sujeito estigmatizado torna-se o "diferente", o "desacreditado", e passam a conviver com sentimentos de angústia, vergonha, medo e inferioridade.

Para o autor, o estigma é uma forma de classificação social, que envolvem os corpos e as relações sociais dos sujeitos, e se divide em três tipos: as deformidades físicas, as culpas de caráter, e aquelas ligadas à identidade de raça, nação e religião. Goffman demonstra quão importantes são as "organizações dos estigmatizados", para a aceitação e o reconhecimento de sua "condição especial", como forma de encontrar seus pares e de promover a defesa de seus integrantes contra as hostilidades sociais²⁰.

Embora a obra de Goffman não apresente os gordos/obesos como grupo ou categoria estigmatizável de forma específica, seu ensaio tem inspirado o ativismo gordo desde o *Fat Underground*, conforme relato de Judy Freespirit, uma de suas fundadoras.

Em seu blog *Obesity Timebomb*, Cooper avalia que o livro

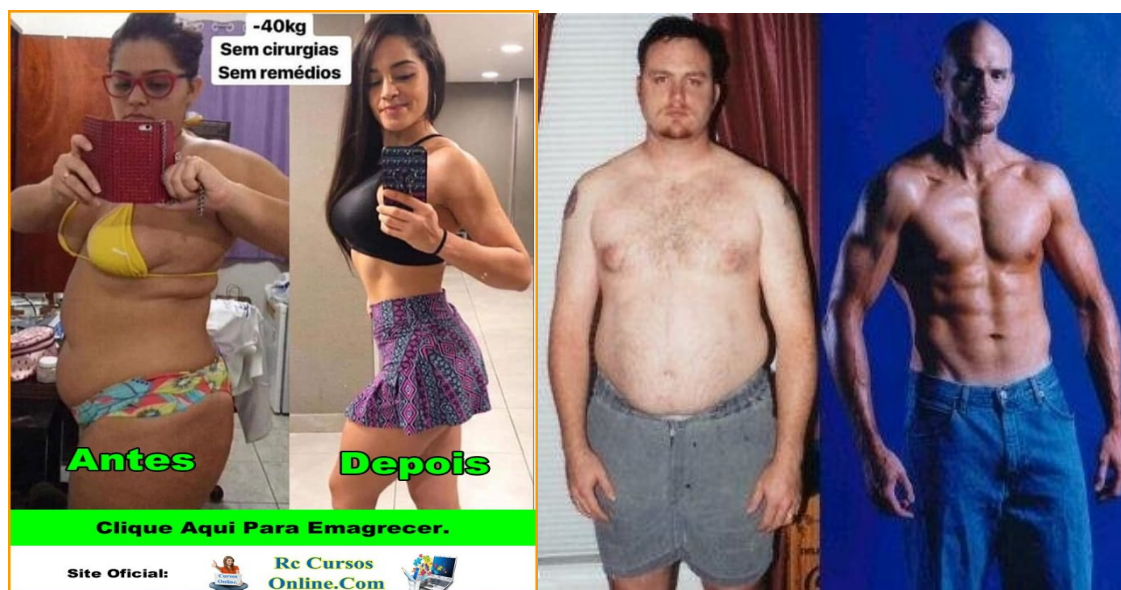
[...] permanece relevante hoje como forma de entender o bode expiatório dos gordos, ou de qualquer pessoa, como um mecanismo social que mantém o poder no lugar. Não é de admirar que os normais [...] fiquem tão chateados quando pessoas estigmatizadas recusam a marca que receberam. "Estigma" é um livro de tempo (é anterior ao punk, por exemplo, que tem sido uma pedra de toque útil para mim na transformação do estigma), é mais acadêmico do que ativista, embora haja uma preocupação com a injustiça do estigma, mas um de seus efeitos duradouros para mim é que, embora possa ser estigmatizante, não é

²⁰ Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Erving_Goffman. Acesso em: 22 out. 2020.

inevitável. O estigma é irreal, embora muitas vezes seja sentido profundamente, o que significa que há possibilidades de abandoná-lo e de retomar o poder.²¹

Para a filósofa e ativista Malu Jimenez, o estigma "é uma forma de controle social, no qual existe uma seleção de acordo com princípios morais, religiosos, institucionais, políticos, culturais e comerciais, padronizando o que é adequado ou não em nossa sociedade." (JIMENEZ-JIMENEZ, 2020, p. 55) Relata que, como mulher gorda, por muito tempo tentou "disfarçar" e "esconder" seu corpo, em função do estigma, que sentencia que as pessoas gordas "fracassaram como indivíduos sociais".

As famosas imagens "antes" e "depois", veiculadas de modo corriqueiro em peças publicitárias e de divulgação de programas de emagrecimento e de fármacos, cosméticos e cirurgias para redução de medidas/peso, refletem como o estigma ao corpo gordo é latente no âmbito da propaganda e do marketing. Nelas, os corpos são apresentados em dois momentos sequenciados, o "antes", com formas "excessivas" e um aspecto, por vezes, "desleixado", e o "depois", com formas mais "curvas" e "definidas", além de uma aparência mais "radiante" e "cuidada".



Fonte: https://m.facebook.com/comoemagrecerpassoapasso/posts/1450911185059110/?_rdr. Acesso em :15 abr. 2021

²¹ Disponível em: <http://obesitytimebomb.blogspot.com/> Acesso em: 15 jul. 2020.

Outra "versão" da imagem dos corpos gordos é a chamada "headless fatty" (gordo/a sem cabeça, gordo/a decapitado/a), na qual a pessoa é seccionada, ou seja, os corpos são mostrados apenas do pescoço, ou do tronco, para baixo, sem cabeça. O termo foi criado pela ativista e pesquisadora Charlotte Cooper. Em seu ensaio, de 2007, ela afirma que:

Como "Gordo Sem Cabeça", o corpo torna-se simbólico: nós estamos lá, mas não temos voz, nem mesmo uma boca na cabeça, nenhum cérebro, nenhum pensamento ou opinião. Em vez disso, somos reduzidos e desumanizados como símbolos do medo cultural: o corpo, a barriga, o asno, a comida. Também há um simbolismo na maneira como as pessoas nessas fotos foram decapitadas. É como se tivéssemos sido punidos por existir, nosso direito de falar tivesse sido removido por um olhar lascivo, nossas imagens sem cabeça acompanham artigos que supõem que um mundo sem pessoas como nós seria um mundo totalmente melhor. (COOPER, 2007)



Da esquerda para direita, imagens 4 e 5. Fonte :<http://charlottecooper.net/fat/headless-fatties-01-07/>Acesso em: 15 abr. 2021. Imagem 6. Fonte: <https://thegrandnarrative.com/2020/01/02/obesity-objectification-headless-images/> Acesso em: 15 abr. 2021.

Charlotte Cooper alerta ainda que muitas dessas pessoas parecem ter sido fotografadas sem "conhecimento, consentimento ou pagamento de qualquer tipo", e que suas fotos convertem-se em "produtos", que são comercializados e vendidos por fotógrafos e agências.

Tal "fenômeno", segundo Cooper, intensificou-se nos últimos anos, junto com a onda da "Guerra contra a Obesidade", também chamada de Epidemia global, e a imprensa, na medida em que produzia artigos sobre os custos financeiros da obesidade, anexava fotografias de pessoas

gordas, "aparentemente" fotografadas "de surpresa, com a cabeça perfeitamente cortada fora da imagem."

Em resposta à crescente pressão social por mais respeito à diversidade dos corpos, recentemente, a rede social *Pinterest* anunciou a proibição de anúncios com "textos e imagens sobre perda de peso, em um esforço para evitar a ideia de um padrão de corpo perfeito". Entre as mudanças em sua política de veiculação de comerciais e propagandas, foram proibidos: os testemunhos quanto à perda de peso; os produtos que prometam facilitar ou acelerar a redução de medidas, quando aplicados sobre a pele; a linguagem depreciativa a certas corporalidades; e as referências ao Índice de Massa Corporal (IMC) ou índices semelhantes.²² Sobre o IMC, teremos mais considerações, a seguir.

A associação da gordura corporal à ideia de doença intensificou-se, nas últimas décadas, com o alerta mundial sobre a epidemia da obesidade, e sua codificação como doença, pela Organização Mundial da Saúde (OMS), definindo-a como o excesso de gordura corporal, em quantidade que determine prejuízos à saúde, condição em que há riscos associados (comorbidades), como o diabetes, a hipertensão arterial, as doenças do trato respiratório, os problemas ortopédicos, entre outros.

Para a identificação da obesidade, é utilizado o Índice de Massa Corporal (IMC), uma razão entre peso e altura, conforme mostra a tabela abaixo.

IMC (kg/M2)	CLASSIFICAÇÃO	OBESIDADE GRAU/CLASSE	RISCO DE DOENÇA
<18,5	Magro ou baixo peso	0	Normal ou elevado
18,5-24,9	Normal ou eutrófico	0	Normal
25-29,9	Sobrepeso ou pré-obeso	0	Pouco elevado
30-34,9	Obesidade	I	Elevado
35-39,9	Obesidade	II	Muito elevado
≥40,0	Obesidade grave	III	Muitíssimo elevado

Tabela 1 - Classificação internacional da obesidade segundo o índice de massa corporal (IMC) e risco de doença (Organização Mundial da Saúde) que divide a adiposidade em graus ou classes. Fonte: <https://abeso.org.br/> Acessado em 10/03/20.

²² Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2021/07/01/pinterest-proibe-anuncios-com-texto-ou-imagem-sobre-perda-de-peso.ghtml>. Acesso em: 27 jul. 2021.

Se considerarmos a aplicação do referido índice como parâmetro médico-científico, a classificação (diagnóstico) de um indivíduo como "obeso" torna-se um ato mecânico, ou automático; no entanto, a identificação das causas (etiologia) e o tratamento (terapia) da obesidade são bastante complexos, haja vista a concorrência de fatores diversos, como os de natureza genética, hormonal, metabólica, nutricional, emocional e econômico-social.

Muitas(os) pesquisadoras(es) e estudiosas(os) das ciências humanas convergem quanto à necessidade de uma abordagem crítica e interseccional da gordura/obesidade, que tenha em conta, por exemplo, vetores econômicos, como os que impulsionam os interesses da indústria farmacêutica e de alimentos, ou a formulação de políticas públicas, como o fomento à saúde pública e à seguridade social, as estratégias para a segurança alimentar e nutricional dos pobres, uma (re)distribuição de renda mais equitativa entre as populações, entre outros.

A socióloga finlandesa Hannele Harjunen (2009) analisa como a ciência médica criou o que ela chama de "paradigma da gordura", segundo o qual

[...] a gordura é, senão ainda uma doença, pelo menos um risco para a saúde e/ou uma pré-doença. Neste contexto, o corpo gordo aparece e é construído como um corpo sempre já "doente" ou "pré-doente" que deve ser tratado, reabilitado e "curado". (HARJUNEN, 2009, p. 23, tradução nossa)

Ela assinala que há discursos que "constroem" a obesidade

Esta noção de gordura vai ao encontro da forma biomédica de compreender a doença, [...] fora do seu enquadramento social de modo que, por exemplo, os vários aspectos sociais, psicológicos ou comportamentais da "doença" não são tocados (Harjunen 2004a). Em essência, isso significa que a construção social da dita "doença" ou dos discursos que a produzem, mantêm e reproduzem não são considerados de forma exaustiva. (HARJUNEN, 2009, p. 23, tradução nossa)

Por outro lado, profissionais da saúde, e mesmo pessoas comuns, formulam a crítica recorrente de que o ativismo, na medida em que reivindica o reconhecimento da potência das corporalidades gordas, faz apologia à gordura corporal, e, por conseguinte, desestimula a busca de saúde e bem-estar, e, em última instância, o "combate" da "doença obesidade".

A pesquisadora, nutricionista e Mestre em Saúde Coletiva, Mirani Barros²³, afirma que não se trata de emular os corpos gordos/obesos, mas de questionar e problematizar as certezas sobre as quais está assentada a episteme médica, a construção da categoria obesidade e a ideia de epidemia; trata-se de "deslocar a compreensão do saudável" para além do corpo branco, forte e magro, e de apreender a amplitude da diversidade corporal, "empreendendo um esforço de democratização da saúde".

O efeito dessa patologização da gordura – um dos efeitos –, é o reforço das sociedades lipofóbicas; a coerção social como regulação, a pretexto da saúde. [...] A captura do corpo gordo para uma série de correções que acionam estratégias tecno-médicas, de dietas, cirúrgicas, medicamentosas, fitoterápicas, dos exercícios, colocando esse corpo num certo local de fácil manejo da gordura corporal; ele é capturado por todas essas estratégias do emagrecimento e o manejo da gordura é relativamente fácil; entretanto, a questão não é se é fácil ou difícil emagrecer [...] ou se deve-se ou não emagrecer [...] a questão é, principalmente, perceber que esse ambiente gordofóbico tem estreitado a possibilidade, a vivência e a percepção do corpo gordo, ou do corpo não-magro; assim como o próprio espectro da diversidade corporal.²⁴

Como profissional da saúde que mantém contato direto com pacientes gordas/os das classes menos abastadas, Barros testemunha:

É muito difícil pra nós, hoje, pesquisadores, médicos, profissionais da saúde, em qualquer lugar do mundo ocidental, pelo menos, dizer que males o corpo gordo provoca ou a que males ele está sujeito, em que faixa de gordura; se funciona do mesmo jeito pra todos os sujeitos [...] todos esses conjuntos de certezas que nós parecemos ter na verdade não estão pautados na vivência e na percepção do corpo gordo; todas essas estratégias de uma ciência que corrobora no sentido de correção do desvio têm impossibilitado outra percepção do corpo gordo que não seja dele doente.²⁵

Sobre a epidemia da obesidade, a pesquisadora propõe ainda a seguinte tensão:

²³ Mirani Barros, professora na área de Saúde Coletiva da UFRJ/Macaé, nos cursos de Medicina e Nutrição, e pesquisadora do corpo gordo desde 2015, é uma das poucas referências brasileiras no catálogo **HAES - Health at Every Size** (Saúde em Todos os Tamanhos), que vem a ser um modelo alternativo de abordagem em saúde pública, baseada em estudos científicos, para pessoas de todos os tamanhos; congrega profissionais da Saúde, ativistas e pesquisadores. A chamada "abordagem HAES" surgiu nos Estados Unidos há décadas atrás, como parte dos desdobramentos dos *fat studies* e do movimento de *fat acceptance*; dentre seus princípios, a aceitação da diversidades de corpos e a rejeição da patologização de tipos físicos; o comer para o bem-estar: foco na alimentação para o prazer, e não para perda de peso; o incentivo às atividades físicas para pessoas de quaisquer tamanhos, de maneira prazerosa. Disponível em: <http://bezasemtamanho.com/saude-em-todos-os-tamanhos-health-at-every-size>. Acesso em: 20 mar. 2021.

²⁴ Fonte: transcrito do **I Seminário de Formação em Gordofobia Médica**, realizado pelo Daab/UFMG, dia 21/08/20, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ILiEIXauQJk>. Acesso em: 20 mar. 2021.

²⁵ Idem

Quando você pensa a epidemia pautada num agente etiológico, por exemplo: a gente vive um momento agora muito propício para entender isso; nós vivemos uma pandemia de corona vírus, cujo agente etiológico é o vírus corona, o Sars-CoV2, que provoca uma doença específica, que é a Covid-19; e entender a epidemia nesses marcos faz inteligível a ideia de combate: você combate o agente etiológico. Na epidemia da obesidade, e tratar qualquer outra condição não transmissível, ou seja, uma condição do sujeito, como epidemia, me parece exigir um pouco mais de crítica no sentido de perceber o quê então nós estamos combatendo: Será que estamos combatendo um certo cenário de engordamento populacional? Será que estamos combatendo uma ideia hegemônica de que os corpos gordos são doentes? E estamos tentando disputar isso? Ou de fato estamos só combatendo os corpos gordos?²⁶

O ativismo gordo questiona e repudia com veemência o parâmetro/discurso médico da obesidade, o qual exerce grande influência sobre o senso comum e sobre as práticas e interações sociais. A ponderação reiterada nas rodas de conversa, nos debates, nos encontros, nas falas e nos textos sobre esse tema é que a gordura corporal não é garantia de enfermidade, assim como a magreza não é garantia de saúde.

No texto *CID 10 – E66: eu, obesa*, de 2017, Jéssica Ipólito discorre sobre as repercussões do "diagnóstico" de obesidade em sua vida:

[...] segundo a OMS (Organização Mundial de Saúde) e seu IMC (Índice de Massa Corporal), eu sou doente e meu CID 10 é E66 (até decorei), considerada obesa grau III por órgãos internacionais. Eu faço parte do que chamam de “epidemia”, mesmo sendo gorda desde sempre. [...] Esse é um pequeno desabafo de quem começou a pesquisar sobre o discurso médico científico que me patologiza, que me causa ansiedades e distúrbios porque ele aparece pela boca da minha mãe, de colegas, de conhecidos; é o discurso dos homens brancos da ciência gananciosa que foram moldando no olhar das pessoas e na percepção que elas têm sobre mim. É o discurso médico que me adocece, literalmente, porque não permite que as pessoas me vejam como alguém inteligente e capaz, útil, perspicaz para exercer qualquer atividade laboral. Não à toa eu estou desempregada há mais de 6 meses, porque a cada entrevista é o discurso médico agindo sobre mim! É o impedimento físico, psicológico, econômico e financeiro agindo sobre meu corpo e não permitindo que eu me desenvolva enquanto pessoa. Esse discurso precisa ser combatido pela raiz! Não tem me deixado mais satisfeita só ir de biquíni à praia. Eu quero a destruição desse discurso que patologiza TODOS os corpos.²⁷

A ativista apresenta uma série de questões relativas ao discurso da obesidade, que ampliam e complexificam seu escopo:

Por que consideram uma epidemia? As pessoas estão morrendo em quais condições?! Por que estão considerando doente as pessoas que têm alguns quilos

²⁶ Idem

²⁷ Disponível em: <https://gordaesapatao.com.br/cid-10-e66-eu-obesa>. 23 de janeiro de 2017. Acesso em: 18 set. 2020.

a mais? Se o argumento gira em torno da preocupação com a saúde e qualidade de vida, por que há um alto investimento em novos remédios indicados para tratar obesidade? Por que o investimento alto nas tecnologias para cirurgias bariátricas? Por que não há se quer MENÇÃO do quanto a sociedade prioriza um padrão estético branco e magro inalcançável em detrimento da multiplicidade de corpos? Por que a publicidade não é lembrada nesse bolo todo?! Por que políticas de “controle” e “redução” de sobrepeso e obesidade têm foco nas PESSOAS, culpabilizando-as pelo próprio corpo? Por que não combate-se a cultura neoliberal que impulsiona não só o consumo de açúcares, gorduras e sal, mas que impossibilita políticas de avanço para agricultura familiar, acesso à saneamento básico e água potável, ou mais ainda, retira direitos fundamentais das pessoas (alô alô PEC da Morte!) como acesso à saúde pública (Adeus, SUS!)²⁸

Faceta importante da patologização do corpo gordo, a gordofobia médica é um tipo de assédio praticado por profissionais da saúde (médicos, enfermeiros, técnicos) via pressão estética²⁹, constrangimento moral e/ou humilhação. Em alguns casos, a obsessão médica em emagrecer o corpo gordo leva à negligência de cuidados, investigações e tratamentos, demandados originalmente pelo paciente, e sem relação com sua conformação física.

Dentre as graves implicações decorrentes do assédio/gordofobia médica está o abandono de tratamentos ou mesmo a desistência de consultas preventivas ou eletivas, principalmente por parte de mulheres gordas. Magdalena Piñeyro, autora de *Stop Gordofobia* testemunha:

[...] Muitas de nós, mulheres gordas, entramos em pânico de ir ao médico, porque sabemos que mesmo que fiquemos com um pelo encravado eles vão nos lembrar que somos gordas, que temos que perder peso (mesmo que o peso não tenha nada a ver com a nossa consulta, mesmo que não saibam porque estamos acima do peso, embora possamos ser muito saudáveis). E essa pressão, somada ao social, à família, a todas as pressões, nos sufoca, nos deprime, nos asfixia. E às vezes tira até o desejo de viver, porque na verdade o que eles fazem conosco é nos enviar uma mensagem extremamente cruel: que este corpo que temos não merece ser vivido. Você sabe como isso pode ser difícil? Repito: SEU CORPO NÃO MERECE SER VIVIDO. Essa é a mensagem que eles nos dão, é o que nos ensinam cada vez que uma mulher gorda passa fome, por um tempo, sonhando em perder peso, e as pessoas a incentivam a continuar parando de comer (diria a uma pessoa magra para parar de se alimentar?) (2016, p. 36; tradução nossa)

Para fazer referência aos diferentes tamanhos dos corpos gordos, muitas ativistas, no Brasil, utilizam os termos "gorda(o) maior", "gorda(o) média(o)" e "gorda(o) menor", e o balizador parece ter sido, a princípio, a numeração das roupas. Por exemplo, mulheres de

²⁸ Idem

²⁹ Pressão estética, segundo RANGEL (2018, p. 60), é um termo usado pelo ativismo para diferenciar o tipo de "patrulhamento", mais disseminado, sofrido "por todos que convivem em sociedade" para atender a determinado padrão de beleza, da gordofobia - direcionada à pessoa com excesso adiposo.

manequim 60+ seriam classificadas como "gorda maior". Entretanto, com a evolução das discussões, atualmente são utilizadas como parâmetro as "questões estruturais", como a acessibilidade –a banheiros e cabines públicas, a transportes–, a alienação social, as oportunidades de emprego, etc. Ou seja, considera-se um indivíduo "gordo(a) maior" quanto menos assistida(o) for em seus direitos e cidadania. Natália Rangel (2018, p. 74), pondera que:

Para tentar diferenciar pessoas gordas que sofrem mais opressão e outras que sofrem menos por causa da variedade de tamanhos de pessoas gordas, foram criadas as categorias “gorda maior” e “gorda menor”. Essa classificação busca evidenciar o lugar de opressão maior em que está localizada a “gorda maior”. É possível fazer relação com a noção de colorismos que há no movimento negro, em que quanto mais escura a pigmentação da pele da pessoa, mais preconceito e racismo ela sofrerá, em especial, em países colonizados por europeus. O mesmo aconteceria com as pessoas gordas maiores. Há a preocupação no ativismo gordo de que este seja tomado pelas pautas das gordas menores, excluindo as pautas das gordas maiores que já são mais marginalizadas pela sociedade. Mas como é feita essa classificação? A variedade de corpos gordos é muito grande, o que dificulta a definição. Outra preocupação dentre ativistas gordas/os é de que o próprio ativismo acabe excluindo pessoas que se consideram gordas a partir de outro sistema de classificação criados por eles/as mesmos/as.

Na discussão sobre a identidade gorda, Rangel (2018) destaca ainda outras questões sobre as quais não há um consenso entre as(os) ativistas, como a definição de pessoa magra e de pessoa não-gorda, além do debate sobre a legitimidade do "lugar de fala" da pessoa ex-gorda, aquele(a) que teve redução em suas medidas/peso, por exemplo, após submeter-se à cirurgia bariátrica.

1.4 Vertentes do movimento gordo

No que tange ao aspecto político-ideológico, o ativismo gordo tem se pautado, sobretudo nas últimas décadas, por duas forças, a saber: uma mais radical, contestadora e anárquica, com forte influência do pensamento feminista lésbico, do movimento negro, das culturas *punk* e *queer*; e a outra, mais convergente com os interesses *mainstream*, da cultura de massas e da cultura do consumo. Enquanto os valores, ou ideais, do ativismo gordo radical apontam para o anti-assimilacionismo, a contracultura, a autonomia, a transgressão e o reconhecimento de "identidades fluidas", o ativismo gordo *mainstream* tende a amalgamar-se ao socialmente prescrito.

Como exemplo, o movimento *Body Positive* ou *Body Positivity* (corpo positivo) iniciado nos Estados Unidos, no final da década de 1990, mas com forte impulso a partir do ano 2015, que reivindica a beleza de todos os espectros de corpos, incluindo aqueles com algum tipo de deficiência ou incapacidade, ou seja, independente da aparência. A crítica considera que o *body positive* banaliza o analfecimento incondicional dos corpos gordos, com o intuito de melhorar a autoestima e o amor-próprio, e acaba por esvaziar, ou apagar, o aspecto político da luta gorda, que aponta o preconceito gordofóbico como racializado, gendrado e classista.³⁰

A vertente *Body Neutrality*, ou movimento da neutralidade corporal, que surge como resposta ao *Body positive*, propõe valorizar os corpos para além de sua aparência ou estética. Considera natural que o sentimento em relação ao próprio corpo sofra oscilações, entre amor e ódio, e que o mais importante é falar das experiências vividas, e das dificuldades e vulnerabilidades que determinados corpos enfrentam, como acessibilidade, emprego, políticas públicas, ostracismo social, entre outras.³¹

O *Plus Size* tem forte vínculo com o segmento da moda. O termo foi usado pela primeira vez em 1920, pela *designer* norte-americana Lane Bryant, que inovou na produção e venda de roupas para gestantes. Até então, *plus size* (tamanho maior), era usado apenas para descrever roupas; a partir do ano de 1953, entretanto, passou a ser usado também para descrever as pessoas –sobretudo as mulheres–, de corpos mais volumosos ou de biotipo grande. Atualmente, dos concursos de beleza ao mercado de roupa, passando por blogueiras(os) e influenciadoras(es) digitais especializadas(os), o universo *plus size* mobiliza muitos seguidores e bilhões em dinheiro, em todo o mundo.³²

Outro conceito, mais recente, também ligado à moda, é o de *gorda curvy* (gorda curvilínea), característica das mulheres com "pernas grossas", "bumbum avantajado", "cintura afunilada", "seios grandes" e "costas estreitas".³³

Rangel (2018), pioneira nos estudos acadêmicos sobre o ativismo gordo no Brasil, traça a seguinte diferença entre o movimento da positividade corporal e o ativismo gordo:

³⁰ Disponível em: <https://www.todasfridas.com.br/2020/01/31/se-liga-body-positive-nao-e-ativismo-gordo/> Acesso em: 27 jul. 2020.

³¹ Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/04/16/body-neutrality-como-e-nao-gostar-do-proprio-corpo-mas-seguir-adiante.htm>. Acesso em: 27 jul. 2020.

³² Disponível em: <https://modaplussize.org/sobre/> Acesso em: 27 jul. 2020.

³³ Disponível em: <https://mulherversusmoda.com/2016/05/26/plus-size-e-curvy-qual-a-diferenca/> Acesso em: 27 jul. 2020.

o ativismo gordo é um movimento pelos direitos específicos das pessoas gordas como acessibilidade, emprego, saúde, etc. enquanto o movimento *body positivity* envolve principalmente questões subjetivas como o amor-próprio e a auto-estima elevada. (p. 123)

Piñeyro argumenta sobre o risco de o movimento de positividade corporal "converter-se em um novo viés de beleza entre as próprias gordas", em função do que ela denomina de *gordibuena* (gorda boa, em tradução livre) –garota que não é magra nem tampouco gorda, de rosto bonito, corpo bem proporcional, simpática, tem dinheiro, se veste bem, sabe se maquiar– em oposição à *gordimala* (gorda má, em tradução livre), as que já não são jovens, têm estrias, barriga caída, cabelos grisalhos, corpo desproporcional; aquelas cuja gordura não é "perdoada", pois descumprem os "cânones de beleza oficialmente estabelecidos" (2016, p. 95).

A pesquisadora destaca algumas implicações negativas da *gordibuena* para a visibilização das mulheres gordas, em seu conjunto, tais como: a exigência de uma aparência determinada, de uma idade determinada, de uma gordura limitada; a necessidade de "agradar" aos olhos –sobretudo os masculinos–, e de ser querida e aceita; em outras palavras, de cumprir com a exigência estética patriarcal (2016, p. 95-96).

Virgie Tovar, ativista e escritora, relata como vivenciou a transição do "movimento político rotundamente *queer*" para o movimento da positividade corporal:

Quando a [o movimento de] positividade do corpo começou a ofuscar o ativismo gordo, houve uma mudança de quadro: da liberação para a assimilação. Acho que posso dizer com tanto amor quanto possível que a positividade corporal ganhou e continuará ganhando terreno com esse novo enfoque. Como uma mulher cishetero, eu realmente entendo a atração profunda e hipnótica da assimilação. (TOVAR, 2018, p. 70, tradução nossa).

Para a autora, a "assimilação" justificaria a manutenção de certos privilégios, notadamente para as mulheres cisgênero e heterossexuais brancas:

Comecei a perceber que havia muita preocupação com o comportamento prescritivo de gênero. [...] comecei a perceber que essas mulheres não queriam ser rudes, não queriam levantar a voz e queriam fazer avanços políticos usando abraços e almoços de trabalho elegantes. Se eu já vi a feminilidade branca, foi essa. E, embora nunca tenha sido dito em voz alta, seu comportamento indicava um compromisso com o *status quo* que era, para mim, impressionante, especialmente depois de passar quase uma década em espaços feministas *queer*. (TOVAR, 2018, p. 71-72, tradução nossa)

Charlotte Cooper, que realiza pesquisas em diversos países ocidentais, assevera que o ativismo gordo:

[...] está se tornando enobrecido e [...] algumas das maneiras pelas quais isso ocorre são por meio da profissionalização e assimilação. Profissionalização é o processo pelo qual o conhecimento gerado pela comunidade se torna domínio de profissionais, instituições educacionais e outros guardiões. Esta é uma forma pela qual as pessoas gordas da classe trabalhadora são excluídas da participação. O foco na assimilação - tornar-se como a cultura dominante - também significa que há uma ênfase na boa cidadania, normatividade, respeitabilidade, o que também afasta aqueles de nós que nunca serão pessoas boas, normais e respeitáveis.³⁴

1.5 Esmiuçando o preconceito: a herança colonial e a trama gênero/raça/classe.

Deslocando a discussão do ativismo antigordofóbico para fora dos Estados Unidos e ampliando suas fronteiras com os elementos dos estudos decoloniais³⁵, é importante pontuar, e demonstrar, que o preconceito contra o corpo gordo feminino carrega todos os componentes histórico-estruturais da colonialidade³⁶, ou seja, o preconceito gordofóbico é racista, classista e sexista; e reforça a ordem patriarcal de controle dos corpos e subjetividades femininas.

Para Maria Lugones (2014), filósofa e feminista decolonial argentina, não se pode desvincular a opressão de gênero, sofrida pelas mulheres das sociedades pós-coloniais, da questão racial e de classe. Em seu artigo, busca demonstrar como o "status" das mulheres colonizadas - indígenas e africanas -, no período anterior à dominação colonial europeia, era muito superior ao das mulheres brancas burguesas.

³⁴ Disponível em: <http://obesitytimebomb.blogspot.com/> Acesso em: 15 nov. 2020.

³⁵ Estudos decoloniais, ou descoloniais, representam uma ferramenta analítica e crítica que busca problematizar as estruturas históricas de poder, dominação, exploração e conflito, fundadas com a conquista da América, com o fenômeno da modernidade e com o sistema capitalista em escala global. Seus principais pressupostos teóricos e categorias foram elaborados pelos integrantes do Grupo Modernidade/Colonialidade/Decolonialidade, composto por estudiosos e pesquisadores acadêmicos de diferentes áreas, em sua maioria oriundos da América Latina e do Caribe, dentre os quais destacamos: Anibal Quijano (Peru), Walter D. Mignolo (Argentina), Ramón Grosfoguel (Porto Rico), Catherine Walsh (EUA), Santiago Castro-Gómez (Colômbia), Nelson Maldonado-Torres (Porto Rico) e Maria Lugones (Argentina).

³⁶ Apresentamos uma definição de "colonialidade" na parte introdutória deste trabalho.

Um dos trabalhos apresentados por Lugones é a tese defendida pela epistemóloga nigeriana Oyèronké Oyěwùmí (2017), pesquisadora da cultura tradicional e das relações sociais Iorubá³⁷, no livro *La invención de las mujeres. Una perspectiva africana sobre los discursos occidentales del genero*. Oyěwùmí faz importantes apontamentos sobre a narrativa ocidental, na qual a "centralidade do corpo" é uma constante:

No ocidente, quando se trata da questão da diferença e da hierarquia social, o corpo tem sido continuamente posicionado, postulado, exposto e reexposto como sua causa. A sociedade é então vista como um reflexo exato da herança genética - aqueles que possuem uma superioridade biológica inevitável ocuparão as posições sociais de superioridade. Nenhuma diferença é feita sem corpos posicionados hierarquicamente. (p. 47, tradução nossa)

A pensadora argumenta como a Biologia determina as relações de poder no Ocidente, gerando o que ela caracteriza como "raciocínio corporal" - uma interpretação biológica do mundo social:

O determinismo biológico é um filtro pelo qual passa todo o conhecimento sobre a sociedade. [...] defino esse tipo de pensamento como raciocínio corporal; é uma interpretação biológica do mundo social. A questão é [...] que toda vez que atores sociais, como gestores, criminosos, enfermeiras e os pobres, se apresentam como grupos e não como indivíduos, e enquanto esses grupos forem interpretados como geneticamente constituídos, não haverá como evitar o determinismo biológico. (p. 43, tradução nossa)

Essa lógica cultural biológica, que sustenta as categorias e a organização do mundo social ocidental, segundo a pensadora, é, em verdade, uma "bio-lógica", na qual o sentido da visão tem primazia sobre os demais sentidos do corpo, como a audição e o olfato, por exemplo.

Se o corpo humano é universal, por que parece ter uma presença tão exagerada no Ocidente em comparação com o território Iorubá? O referencial teórico de uma pesquisa comparativa mostra que uma grande diferença se origina com base em qual dos sentidos será privilegiado no processo de compreensão da realidade - a visão no Ocidente e uma multiplicidade de sentidos ancorados no ouvido, na terra Iorubá. (p. 56-57, tradução nossa)

A contradição, assinala Oyěwùmí - com certa ironia -, é que a cultura europeia parece "enxergar" apenas os corpos das mulheres.

Paradoxalmente, apesar de que no pensamento europeu a sociedade seja vista como feita de corpos, apenas as mulheres são percebidas como corporificadas; os homens não têm corpos - eles são mentes ambulantes. (p. 45, tradução nossa)

³⁷Os Iorubás (ou Nagôs) constituem um dos maiores grupos étnico-linguísticos da África Ocidental, com mais de novecentos anos de existência. Vivem em grande parte nas regiões onde atualmente se localizam Nigéria, Benim, Serra Leoa e Togo, sem considerar as da diáspora. Fonte: <https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Iorub%C3%A1s>. Acesso em: 19 ago. 2021.

De fato, a dualidade mente-corpo, uma das categorias da modernidade/colonialidade, tem servido para justificar a discriminação de gênero, associando o feminino ao corpo (e, por consequência, "ao carnal e aos processos inferiores"), enquanto o masculino é vinculado "à mente, aos pensamentos ou aos processos superiores". Dessa forma, caberia às mulheres o cuidado e a disciplina corporais, ao passo que, "por oposição e omissão, a disciplina e o autocuidado masculinos parecem não se processar no corpo"³⁸.

Por sua vez, a temática "corpo gordo" - marcadamente ligada às mulheres -, tem sido considerada uma discussão acessória, ou cosmética. Contudo, como buscamos fundamentar, a crítica decolonial analisa como alguns dos preceitos modernos operam de forma complexa para sustentar essa narrativa.

A norma jurídica, a religião cristã e o cânone médico-científico, produtos da colonialidade do poder³⁹ e do saber eurocentrado, disputam importante papel no controle e na regulação das corporalidades. A escritora uruguaia Magdalena Piñeyro (2016) argumenta sobre a nova moral ascética, de controle dos apetites e submissão dos corpos, como uma transição do discurso doutrinador da religião para o discurso disciplinador da ciência.

Estamos diante de um neo-ascetismo que – segundo o sociólogo José Castillo Castillo - busca o rearmamento moral das sociedades secularizadas onde as religiões perderam força; um rearmamento moral que novamente busca conquistar a carne, superar o desejo, controlar o apetite e entrar na academia. O convite à dieta alimentar é um convite à disciplina e (auto) controle diante da aberração do prazer; um convite a professar uma nova (velha) religião: a da negação do corpo. [...] Na Idade Média, era a Igreja que separava alma e corpo e convidava o primeiro a ter controle absoluto sobre o segundo. Durante o Iluminismo, a razão ocupou o centro do palco. Ciência hoje. Mas tudo com o mesmo fim: a negação do corpo, seus apetites, seus prazeres. (PIÑEYRO, 2016, p. 63, tradução nossa)

A autora sinaliza que o "centro nevrálgico" da gordofobia estaria na culpa e na punição, decorrentes do processo de "internalização" do preconceito.

E nós, mulheres gordas, desobedecemos. Na culpa e na punição por desobedecer à regra, encontramos o centro nevrálgico da questão da fobia gorda. Junto com isso vêm os comentários e crenças de "a culpa é sua" ou "a decisão foi sua" e, portanto, conceitos como "responsabilidade pelos atos" ou "liberdade" entram

³⁸ ENERGICI, M. A.; ACOSTA, Elaine ; BORQUEZ, Florencia. Feminización de la gordura: estudio cualitativo en Santiago de Chile. Revista de Psicología, Santiago do Chile, vol. 25, nr. 2, pg. 1-17, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/264/26449350008/html/> Acesso em: 20 maio 2021.

³⁹ Apresentamos a definição de "colonialidade do poder", termo cunhado pelo filósofo Aníbal Quijano, na parte introdutória deste trabalho.

em jogo. Ideias profundamente arraigadas em nossas sociedades que as ciências sociais há muito tentam dismantelar. A gordofobia apela à culpa, responsabilidade, força de vontade e liberdade, mas as coisas não são tão simples quanto parecem. A pesquisa social diz que nossas decisões são condicionadas pelo contexto em que vivemos e realmente os limites da liberdade ou vontade podem ser amplamente discutidos. (Ibidem)

Por sua vez, Lucrecia Masson, pesquisadora e ativista corporal transgênero argentina, afirma que é necessário "politizar o disciplinamento do corpo" e que o paradigma da normalidade corporal "está enquadrado nos parâmetros da brancura". Em entrevista à revista *El Salto*⁴⁰, em 2019, faz algumas ponderações sobre as raízes coloniais da gordofobia.

[...] acho que a fobia gorda não pode ser pensada fora da ordem colonial, que é heterocis capitalista e capacitista. A forma de um corpo produz valores e verdades, por isso sabemos muito bem quais são os corpos bonitos e desejáveis, saudáveis e funcionais para este quadro de significados que habitamos. [...] O sistema de tamanhos e pesos que a medicina utiliza e que, a partir dele, define certas corporalidades como erradas, como corrigíveis, claro que é ocidental. E é usado em todo o mundo, é universalizado, é uma operação básica do colonialismo. A beleza legítima de um corpo é uma beleza branca e o desejo também é construído a partir daí.

Como produto da cultura, a ciência médica criou categorias e práticas, como a craniometria e a antropometria, usadas para justificar violências históricas. Nesse sentido, Lucrecia Masson (2019) assinala:

O sistema de tamanhos e medidas também faz parte de uma construção histórica, surge num momento específico, da Revolução Industrial na Inglaterra, de mãos dadas com a antropometria, disciplina destinada a medir ossos e crânios nesses outros mundos que a Europa invadiu. Essa mesma antropometria, inventada para justificar a inferioridade racial e aplicar o racismo científico a partir daí, também vai medir quais são os corpos corretos, ou seja, vai inventar as medidas corretas de um corpo.

Para Mirani Barros (2020), há uma "centralidade da Medicina" na produção da estigmatização da gordura; faz-se necessário compreender como o cânone médico opera interditando ou invalidando certos corpos:

A gente precisa considerar que exatamente sob a justificativa médica, exatamente sob os auspícios médicos - e não é de agora; isso tem a ver com a virada epistemológica do século XIX, quando a Medicina e as ciências jurídicas ganham centralidade no domínio e na regulação dos corpos e do espaço público; a gente precisa compreender, dentro dessa dinâmica e dessa produção social da gordofobia, que quem dita e constrói, regula e oferece a mecânica de regulação e

⁴⁰ Disponível em: <https://www.elsaltodiario.com/feminismo-poscolonial/lucrecia-masson-gordofobia-supremacia-blanca-orden-colonial-transfeminismo>. Acesso em: 15 jul. 2020.

correção dos nossos corpos é, sim, a Medicina. Então, falar desse lugar é senão uma fala de interesse público em amplo sentido. Entender como a medicina opera sócio-histórica-culturalmente sobre a regulação dos corpos, e dos corpos gordos, é sim interesse de todos nós.⁴¹

Barros (2020) assevera que a luta antigordofobia representa uma "disputa epistemológica":

[...] Assim como a obesidade tá no CID, a homossexualidade integra o Manual de Doenças Mentais (DSM). O grande desafio do corpo gordo e da luta antigordofobia, e das pessoas gordas desse tempo em que vivemos, é a disputa epistemológica; é mudar esse "óculos" pelo qual eu enxergo o corpo gordo; é trocar esse "óculos" que diz que esse corpo é doente, por outro que diz: "esse corpo é um corpo que tem diversas possibilidades, incluindo saúde e doença, como qualquer corpo magro."⁴²

Embora escassos, os estudos nas áreas de Medicina Social e de Saúde Coletiva que tentam identificar a natureza da relação entre obesidade e raça/cor no Brasil, apontam para uma relação complexa entre raça, obesidade, nível socioeconômico e gênero, e reconhecem que há um conjunto de especificidades que se "dá em função do contexto sócio-histórico" (ORAKA; et al., 2020). Nessa discussão, o racismo institucional⁴³ figura como importante determinante social da saúde.

A formação da sociedade brasileira e o modo como a população negra nela se insere têm relação com o seu processo saúde-doença. Presume-se que os **efeitos nocivos de um ambiente de escasso acesso aos direitos de cidadania e à riqueza social são fatores preponderantes da vulnerabilidade diferenciada** dessa população. Somam-se a isso as desigualdades de gênero, que agudizam as desigualdades em saúde – noção indispensável para entender as determinações sócio-históricas do processo de morbimortalidade desse grupo (ORAKA; et al., 2020, p. 3, grifo nosso)

Essa "vulnerabilidade diferenciada", que se agudiza no caso das mulheres negras, é denunciada por Barros (2020), ao alertar sobre as estatísticas de "engordamento" da população:

A gente fala do engordamento populacional, da epidemia de obesidade, e a gente fala pouco quem engorda. Então, quem engorda, quem é objeto da regulação médica, e da Saúde Pública, no Brasil, e no mundo - porque esse é um desenho, é um perfil de escala global - são as populações urbanas, periféricas, pretas, e têm gênero: são as mulheres que engordam mais... O campo da Medicina e o campo da Saúde Pública têm atuado no sentido de combater a obesidade. [...]

⁴¹Apresentação I Seminário Gordofobia Médica, Daab/UFMG, dia 28/08/20; Disponível em: https://youtu.be/OelGfb5_rgc. Acesso em: 20 mar. 2021

⁴² Idem

⁴³ Segundo Jurema Werneck, "o racismo institucional equivale a ações e políticas institucionais capazes de produzir e/ou manter a vulnerabilidade de indivíduos e grupos sociais vitimados pelo racismo" (Werneck, 2016; apud ORAKA, 2020)

Quando a gente combate, a gente não tá combatendo a indústria alimentícia, a gente não tá combatendo a desigualdade social, a gente não tá combatendo as iniquidades alimentares, a gente não tá combatendo nada nessa tríade ecológica, que pode ser entendida como causa da obesidade, ou múltipla causa da obesidade.⁴⁴

Outra questão denunciada por Barros diz respeito ao programa público, em política de saúde, de "combate" à obesidade. A pesquisadora questiona as motivações ideológicas - de cunho fortemente liberal - que norteiam tal política:

A gente tá combatendo o corpo gordo, e aí eu vou dizer pra vocês que é bem fácil combater um corpo que é gordo, preto, periférico, e de mulher... Esse corpo, habitualmente, já está sendo combatido, já está sendo massacrado; as mulheres pretas já estão sendo massacradas; urbanas e periféricas, é muito fácil... Eu fico sempre pensando, e provoco a pensar: se quem mais engordasse fossem as elites, será que a política se chamaria "combate à obesidade"? Esse é o nome oficial, de uma política pública nacional! Isso é um nome oficial! Tá errado! (Fala transcrita; Curso on-line "Insurgências Gordas", dia 19/01/21)

A historiadora Denise Bernuzzi Sant'Anna (2014) sustenta que "a obesidade concentra-se hoje nas classes sociais pobres". Ilustra, no trecho a seguir, certas condições que concorrem para o "fenômeno" da obesidade entre as trabalhadoras periféricas (que são negras e pardas, em sua maioria, embora a autora não explicita o recorte raça), no contexto atual das grandes cidades brasileiras.

[...] a obesidade traçou laços cada vez mais fortes com a escassez de recursos, revelando ser mais facilmente produzida quando há pouca possibilidade de comer alimentos saudáveis e quando não há quase nenhum tempo para prepará-los adequadamente. A relação entre pobreza, obesidade e fast food é hoje comprovada. E ela atinge sobretudo as mulheres que trabalham mais de oito horas por dia, gastam mais de uma hora diária nos transportes públicos, alimentam-se mal, pois consomem o que é mais barato e de fácil acesso. Ao chegarem em casa no final de cada dia, estão exaustas, tendo pela frente, muitas vezes, uma segunda jornada de trabalho. Não admira portanto que elas esperem da comida e da bebida tudo o que o dia lhes roubou. Não espanta que a ingestão de um refrigerante, por exemplo sirva como uma compensação imediata dos prazeres não vividos, do conforto constantemente negado, da doçura e do frescor que durante o dia lhes faltou. (SANT'ANNA, 2014)

Na próxima parte, trataremos diretamente dos movimentos e coletivos antigordofobia em Salvador e o modo como elas – porque a grande maioria são mulheres -, pensam, trabalham e articulam o que discutimos até aqui. Principalmente, em que medida o ativismo gordo,

⁴⁴ Apresentação I Seminário Gordofobia Médica, Daab/UFMG, dia 28/08/20; Disponível em https://youtu.be/OelGfb5_rgc. Acesso em: 20 mar. 2021.

especificamente o praticado em nossa cidade, cumpre o “esforço” de superar a lógica da colonialidade.

Capítulo 2:

Coletivos e movimentos antigordofobia em Salvador

2.1 Mapeamento

Neste capítulo, vamos tratar diretamente do ativismo antigordofóbico em Salvador. Para tanto, traçaremos um breve histórico dos Coletivos que compõem esta pesquisa; são eles: o Movimento Gordo da Bahia, o Coletivo Vai Ter Gordas e o Coletivo de Pessoas com Obesidade do Estado da Bahia. Na sequência, apresentaremos trechos das entrevistas com suas respectivas representantes, de acordo com o eixo temático abordado, de modo a articular a prática existente com a teoria que aqui foi tratada.

As falas transcritas foram colhidas em datas distintas, entre fevereiro e outubro de 2020, e os relatos foram agrupados/estruturados de acordo com os temas recorrentes do ativismo gordo, como acessibilidade, patologização da gordura, representatividade, diversidade, beleza, entre outros.

Como forma de nortear a entrevista/conversa, foram dirigidas três perguntas principais:

- 1 - Como foi sua trajetória até chegar ao ativismo gordo?
- 2 - Como surgiu o Coletivo/Movimento que você representa?
- 3 - Quais são os objetivos do Coletivo, as ações/eventos promovidos, e as perspectivas para o futuro?

Doravante, em algumas passagens, usaremos as siglas dos Coletivos, a saber: MGB (Movimento Gordo da Bahia), VTG (Vai Ter Gordas) e CPO (Coletivo de Pessoas com Obesidade).

O início do **Coletivo Movimento Gordo da Bahia** remonta, de forma embrionária, à rede social Orkut⁴⁵, em meados dos anos 2000, conforme relata Sandra Santos, artesã e uma das fundadoras do coletivo. Através das interações entre dois grupos virtuais, da referida rede social, o **Cotidiano Gordo** e o **Peso do Preconceito**, algumas participantes trocavam experiências e criavam afinidades, como a própria Sandra, Milly Costa e Máira Rosedal. Com a desativação do **Orkut**, as interações migraram para a rede **Facebook**, por volta do ano 2012.

⁴⁵ Rede social criada pelo Google em 2004 e desativada em 2014, cuja grande maioria dos usuários estavam concentrados entre o Brasil e a Índia. Informação retirada do site: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut>.

Naquela época, foi criado o grupo **Gordinhas Lindas de Salvador**, circunscrito a nossa cidade, mais tarde ampliado para **Gordinhas Lindas da Bahia**, com pautas que incluíam questões de relacionamento afetivo e de resgate da auto-estima. Sandra conta que, à medida que foram desenvolvendo consciência crítica, por influência direta dos Movimentos Negro, Feminista e LGBT, as demandas e necessidades das jovens gordas foram adquirindo um caráter mais político e contestatório, o que se refletiu na mudança do nome para Movimento Gordo da Bahia, por volta do ano de 2014.

A ativista afirma que atualmente o Movimento Gordo da Bahia se configura como "um movimento de militância", com o objetivo de ampliar as discussões e desenvolver a conscientização sobre a condição gorda, em grupos de mulheres, escolas e associações comunitárias. Sandra critica, de modo incisivo, as ações de certos setores que tentam "vender auto-estima" para jovens gordas, e denuncia os interesses mercadológicos e a exploração financeira por trás de alguns eventos do mundo fashionista *Plus Size*.

Entre as atividades realizadas pelo MGB, destacam-se as rodas de conversas e debates sobre gordofobia, seminários, participação em audiências públicas na Câmara de Vereadores da cidade, para reivindicação de políticas públicas, acessibilidade, empregabilidade, cidadania, entre outros.

Atenta à incidência de melancolia e depressão entre muitas jovens gordas, em decorrência do ostracismo social que vivenciam, Sandra Santos destaca a importância dos eventos lúdicos, recreativos e artísticos, como as exposições fotográficas autorais com mulheres gordas (sem interferência de pós produção de imagem⁴⁶), e o Baile das Gordas, bloco carnavalesco criado em 2018, cujos detalhes apresentamos no subtítulo "2.2.6 Diversidade", deste capítulo.

O **Movimento Vai Ter Gorda** teve origem em 2012, em São Paulo, com as produtoras Helena Custódio e Erika Cadôr, e ficou conhecido por promover encontros/manifestações de mulheres gordas nas praias. Estendeu-se para outras cidades, como Rio de Janeiro, Recife, Maceió, Florianópolis e Fortaleza. Tais eventos - abertos ao público e divulgados via redes sociais - por vezes, variavam de nome ('Vai ter Gorda na Praia Tal', 'Vai ter Gorda, sim', ou apenas 'Vai ter Gorda'); contudo, o "formato", até onde esta pesquisa pôde apurar, se repetia:

⁴⁶ Referência à Exposição "Gorda", 2017, da fotógrafa autoral Isabele Costa. Mais detalhes em: <https://aplbsindicato.org.br/isabele-da-costa-em-seu-trabalho-autoral-apresenta-a-exposicao-fotografica-gorda/> Acesso em: 20 nov. 2020.

reunião de mulheres gordas e jovens, com profissões/formações variadas, porém concentradas no universo da moda e da beleza (influenciadoras digitais, modelos ou misses *Plus Size*, jornalistas, artistas, blogueiras, produtoras de moda, educadoras, etc.). Tinham como objetivo confraternizar, trocar experiências e reivindicar maior visibilidade e expressão das corporalidades gordas femininas.

Em Salvador, o Coletivo iniciou suas atividades em 2016, sob a coordenação da produtora e funcionária pública Adriana Santos, que também foi a primeira *Miss Plus Size Bahia*. Atualmente, Adriana coordena o VTG em nível nacional.

Além de manter os encontros anuais em diferentes praias da capital, o Coletivo Vai Ter Gorda, em nossa cidade, conforme pode-se depreender do relato da representante, vem conciliando ações "body positive", *Plus Size*, e ações políticas, no sentido dos "direitos específicos das pessoas gordas" (Rangel, 2018), o que nos leva a considerar que a "identidade ideológica" do VTG, ao longo do tempo, vem se tornando híbrida, no sentido de que está conciliando a pauta da auto-estima com a demanda por políticas públicas.

Sua pauta inclui participação em diversos eventos sobre gordofobia, como rodas de conversa, programas de televisão e rádio, encontros e seminários, juntamente com a promoção de ações pela cidadania, direitos e inclusão/afirmação da pessoa gorda, a exemplo da mobilização junto à Secretaria Municipal do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte (Setre), para atendimento especial às mulheres gordas, orientação para o trabalho, inscrições em curso de informática, emissão da Carteira do Trabalho e Previdência Social (CTPS), e cadastro nos sistemas de emprego. O grupo participa também de Audiências Públicas na Câmara Municipal de Salvador, com o objetivo de discutir e propor políticas públicas que alcancem esse contingente da população. Atualmente, são discutidos dois Projetos de Lei, o 303/2019, que permite acessibilidade às pessoas gordas/obesas no transporte coletivo, e o 284/2019, que visa instituir o Dia Municipal de Luta contra a Gordofobia.

O Coletivo de Pessoas com Obesidade do Estado da Bahia foi criado por volta de 2014, por Nélia Almeida, advogada e servidora pública aposentada, e por Diana Bastos, advogada. A entidade atua na intermediação de demandas judiciais entre pessoas com obesidade e o sistema público e privado de saúde, além de atendimento remoto para apoio psicológico e de orientação na área de Assistência Social. Na entrevista, concedida por Nélia Almeida, esta

ratifica a importância de despatologizar o corpo gordo, *a priori*; pondera com veemência, sobre a falta de apoio e de representatividade para a pessoa gorda/obesa que apresenta patologias, como a obesidade mórbida. Ressalta que enfrenta rejeição, pelo uso da palavra "obesidade", e que parte da militância demonstra pouca disposição, ou interesse, em pautas que incluem a pessoa gorda em situação de vulnerabilidade por doença, velhice ou improdutividade.

Nélia propõe a seguinte reflexão: para o indivíduo, cujo volume de gordura corporal o impede de se locomover, alimentar ou fazer a higiene pessoal, sem a ajuda de outrem, questões como auto-estima, positividade e beleza - embora importantes - ficam "secundarizadas" pela necessidade de sobrevivência.

De fato, uma perspectiva "extramuros" vai identificar no Coletivo de Pessoas com Obesidade uma atuação político-ativista pela saúde, dignidade e inclusão da pessoa gorda/obesa; entretanto, "intramuros", ou seja, dentro do movimento, o Coletivo muitas vezes entra em "colisão" com parte da militância, que rechaça o termo obesidade e a associação da corporalidade gorda a doença ou morbidades, como discutimos no capítulo I.

Nada obstante o CPO desfrutar do respeito de ativistas e representantes da causa gorda de nossa cidade - como pude testemunhar ao longo da pesquisa - é questão "indigesta", digamos, o uso da terminologia "obesa", "obeso", "obesidade", "comorbidades do corpo gordo". Nélia explica que tais nomenclaturas são adotadas por associações médicas, pela OMS e pelos planos de saúde, e que sua reprodução é necessária para os acionamentos judiciais e/ou para o encaminhamento das demandas junto ao sistema de saúde, público ou privado.

Em razão da pandemia, conforme divulgado em suas redes sociais, o CPO tem instado diversas entidades dos poderes executivo, legislativo e judiciário, através de petições e audiências públicas, para a inclusão da pessoa com obesidade - em qualquer grau - como grupo prioritário na vacinação contra Covid-19, a exemplo da Audiência Pública Extraordinária, com o tema: *O fator Obesidade na pandemia da COVID-19*, promovida pela Comissão Externa de Enfrentamento à Covid-19, da Câmara dos Deputados, em 27 de abril de 2021.

Nélia alerta que, além dos fatores de risco, muitas vezes cumulativos, uma pessoa gorda/obesa, com 130, 150 quilos, que necessite ingressar na UTI em decorrência da Covid, vai demandar mais atenção e cuidados - por exemplo, nas manobras para entubação, ou mudança de decúbito -, de enfermeiros e técnicos já sobrecarregados e exaustos...

Podemos deprender, a partir dos históricos, que há, entre os coletivos pesquisados, objetivos/propósitos convergentes. Por outro lado, existem pautas específicas de determinado grupo - como é o caso da atenção direcionada às demandas da pessoa gorda com comorbidades, principal ação do CPO. Ao longo das próximas páginas, teremos oportunidade de conhecer um pouco mais sobre o programa dos Coletivos de nossa cidade, através da fala de suas representantes.

2.2 Relatos

2.2.1 Acessibilidade

A discussão sobre acessibilidade da pessoa gorda/obesa é amiúde colocada em contextos pontuais, como as condições inadequadas para o deslocamento - como as catracas e os assentos de ônibus pequenos, os cintos de segurança e as cadeiras das aeronaves -, ou a inexistência de aparelhos e equipamentos médicos, em tamanho apropriado - como as braçadeiras dos medidores de pressão arterial, as macas, os tubos de respiradores, etc. Entretanto, pensada em termos mais complexos, a falta de acessibilidade denuncia condições de intensa desigualdade social, como a estigmatização territorial, a segregação espacial, a mobilidade urbana, entre outros.

Nesse sentido, é importante refletir não apenas como, mas sobretudo porquê, "certos corpos" são "interditados" nos espaços públicos. Um indivíduo gordo/obeso, por exemplo, para embarcar no transporte coletivo, sem o constrangimento da catraca, em muitas cidades do Brasil, até pouco tempo atrás, se valia da lei de acesso para pessoas com deficiência⁴⁷. Uma das entrevistadas, noutro exemplo, relata como se sente mais "à vontade" ao frequentar determinado *shopping* de nossa cidade, mais popular, em comparação com outros, conhecidos por atrair um público de classe/renda mais elevada.

Vejamos os relatos. Nélia, do Coletivo Pessoas com Obesidade, questiona:

[...] se uma pessoa gorda passar mal na rua, se [chamarem] o Samu, a [a pessoa gorda vai caber na] maca, cabe? Não cabe! Tem hospitais da rede pública e da rede privada que [pela porta d]o elevador não passa a maca de uma pessoa gorda... não entra... Então, é muito difícil! [...] Nós fomos avançando, fazendo audiências públicas, questionando a carência das cidades: os cinemas com cadeiras maiores; o avião, cadeiras maiores... e muito mais coisas que a gente deixa de fazer por falta de acesso... A

⁴⁷ A Lei Federal nº 13.146/2015 inclui as pessoas gordas/obesas como "pessoas com mobilidade reduzida".

questão da acessibilidade e do direito à saúde marcam a vida de uma pessoa com obesidade, e também vem provocar a criação do próprio Coletivo de Pessoas com Obesidade; e também na questão da judicialização, porque eu sou advogada, e eu tinha uma visão bem da justiça, da necessidade da justiça suprir, ou na área do SUS ou na área de quem tem plano de saúde; um atendimento médico, pelo próprio plano de saúde, ou pelo SUS; um socorro à pessoa; isso foi avançando, porque eu fui interagindo com outros grupos, e foi crescendo também a questão da gordofobia... a questão do preconceito com a pessoa que não tem o corpo padrão, que não tá dentro de estabelecido pela sociedade.

Nélia destaca ainda a importância do nosso Sistema Público de Saúde, mas alerta sobre a necessidade de uma melhor assistência ao contingente gordo/obeso, como os centros especializados e tratamentos adequados:

Já era uma preocupação minha as políticas públicas para a obesidade, na área pública e na área privada, na saúde complementar; porque nós temos o Sistema Único de Saúde, inclusive que tem problemas, mas é um sistema bom, é um sistema universal, é pra todos... e a gente tem que usar, e explorar, e pedir, e reivindicar... inclusive, eleger políticos comprometidos, que em vez de reduzir a verba da saúde, amplie... Então, nós temos hoje na Bahia alguns centros que tratam de obesidade, mas são poucos... porque a obesidade cresce vultosamente; tá no nível de epidemia... você vê sociedades hoje, as pessoas, emngordando muito... Então, nós temos que ter tratamento, nos temos que ter equipamentos, materiais, aparelhos, para que essas pessoas sejam tratadas...

Por sua vez, Sandra, do Movimento Gordo da Bahia, alerta como as dificuldades de acesso geram desestímulo e ostracismo.

A gente tem a necessidade de se ver na política; a necessidade de se ver nos espaços de poder, pra se sentir representado e ter alguém que realmente passa o que a gente passa; pra buscar coisas que são simples: o direito de passar na catraca (do ônibus); de passar pela porta de desembarque (do ônibus), que é lei...né? mas a maioria deles não respeitam... Por isso que muitas mulheres não saem de casa... [...] É tão recorrente; na verdade, a pessoa [gorda] já internalizou e já acha normal...

Em certa acepção, o "acesso" está diretamente relacionado às condições materiais, vale dizer, à questão da diferenciação social por raça/classe, uma "herança" colonial, conforme discutiremos no capítulo anterior. Um indivíduo gordo, com maior renda, tem a opção de se locomover com transporte próprio, taxi, etc, ou seja, não depende diretamente do transporte

público... dispõe, também, de recursos que lhe possibilitam pagar por duas poltronas no avião, ou manter um plano de saúde particular - condição incogitável para a pessoa com menor renda, para uma pessoa pobre.

Nas falas apresentadas, observamos que a discussão da acessibilidade da pessoa gorda se vincula, em grande medida, aos cuidados com um corpo doente, ou, ao menos, em busca de atenção médica/clínica/hospitalar. Ponderamos se não seria o caso de incluir nessa discussão a demanda por mais projetos e programas públicos que, direcionados às comunidades e bairros periféricos - de forma descentralizada e sem a necessidade de grandes deslocamentos -, programas que contemplem o lazer, o estímulo à expressão artística e cultural (dança, literatura, teatro, canto), as práticas esportivas e recreativas, destinadas a crianças, jovens e velhos, e que possam ser realizadas em praças, parques e campos públicos, em ambientes ventilados e arborizados, aumentando a possibilidade de participação das pessoas gordas.

2.2.2 Representatividade

*E, por [eu] ser uma mulher negra, muitas portas não se abrem...
Então, procura-se uma ativista gorda, branca, pra ter esse espaço...
(Sandra Santos, Movimento Gordo)*

A representatividade tem a ver com referências, exemplos ou modelos; com as pessoas que, por "encarnarem" ou vivenciarem determinada condição, seja de ameaça à dignidade ou de perda de direitos, pessoais e/ou coletivos, tornam-se "porta-voz" de determinado grupo ou segmento. Na discussão desse eixo, destacam-se questões como raça, geração, classe, "gordura autorizada" (corpo gordo branco, *curve, plus size*, consumista) versus "gordura interdita" (corpo gordo negro, obeso, maduro, doente, pobre).

Ao ser indagada sobre questões mais específicas quanto a representatividade no movimento, Adriana, do Vai Ter Gorda, relata:

Uma coisa importante pra falar sobre o Vai Ter Gorda e que o diferencia, eu acredito, todo esse "boom" que ele teve, foi exatamente por trazer desde lá, em 2016, essa representatividade da mulher negra, da mulher indígena, né? de trazer esse recorte da raça... Não foi pautado esse encontro apenas com mulheres brancas e loiras, como de comum a

gente via... foi um movimento pautado na diversidade racial, na mistura de raças e de corpos, não só aquele corpo "curves" que é vendido como corpo gordo; e sim o corpo real, os vários tipos de corpos gordos, desde uma gorda menor, até uma gorda maior, toda essa representatividade a gente traz no Vai Ter Gorda, abraçando realmente os diversos recortes da sociedade e de movimentos, também ... a gente acaba agregando todos os movimentos sociais, LGBT, Movimento Negro, [contra] intolerância religiosa, todas as questões, a gente acaba trazendo pro nosso recorte...

Por sua vez, Sandra Santos aponta que os movimentos negro e feminista não pautavam a questão gorda, ou a consideravam menos relevante.

Já fazíamos o trabalho de auto estima, com as meninas, mas aí começaram a surgir outras demandas [...] e aí foi criando consciência de que a gente precisava lutar por mais coisas de que só o relacionamento... Eu vim conhecer o Movimento Negro, o Movimento Feminista; e aí foi criando uma consciência de que precisava ocupar esses espaços... porque mesmo dentro do Movimento Feminista a gente não escuta falar sobre a mulher gorda; as pessoas dizem que não sabem falar sobre a mulher gorda... Dentro do Movimento Negro também a gente não tinha representatividade...; a gente foi começando a buscar..., por isso que a gente criou o Movimento Gordo... veio a partir daí, da necessidade de estar representado dentro dos outros movimentos, e dentro dos outros espaços, pra realmente ocupar espaços, pra falar sobre o que a gente precisava... Tem muita gente que acha que gordo, ser gordo, é só estética...

A fala de Sandra remete à genealogia do ativismo gordo, com o grupo *The Fat Underground*, nos Estados Unidos; à relação entre o ativismo gordo e os segmentos do feminismo (lésbico, negro, radical), que se intensificou com a cena punk e queer, de finais do século XX, conteúdos do capítulo anterior. É importante destacar que a expressão "...foi criando consciência..." empregada pela ativista no trecho acima, revela o processo de tomada de consciência política do MGB, e marca a transição de uma perspectiva pessoal, individual (relacionamento, namoro, etc) para a coletiva: "... falar sobre o que a gente precisava..."

Nesse sentido, Sandra pontua que, dentro do movimento, interesses pessoais podem, às vezes, se sobrepor aos interesses da coletividade; mas destaca a importância do pioneirismo dos

grupos atuais, que serão referência para as próximas gerações, a exemplo do que ocorre com o Movimento Negro.

Não adianta você ser modelo, carregar a coroa, mas quando você for falar, você não saber falar... não saber usar aquele espaço pra trazer o bem coletivo, né? Então muita gente aproveitou espaços pra fazer 'aparição', ganhar visibilidade pessoal; esqueceu que era muito mais do que isso... e prejudicou muito o movimento... porque, como uma determinada parte do movimento - uma vertente do movimento - usava as redes, usava a mídia pra... como eu posso dizer? ... pra algo pessoal mesmo, pra ganhar visibilidade pessoal, quando a gente vinha com um trabalho realmente relacionado ao movimento, relacionado ao coletivo, a gente não tinha espaço... as portas haviam sido fechadas... prejudicou muito a gente, prejudicou muito a visibilidade do movimento de uma forma geral. [...] Há cinco anos atrás, não existia nada... não existia o movimento gordo, não existia o movimento de gordofobia, não existiam misses; não existia o estudo sobre o movimento gordo... A gente vem falando as necessidades, vem brigando, tá conseguindo algumas coisas pra gente... mas a intenção, como eu sempre falo pras meninas, é que daqui a cinquenta anos, nós vamos ser história... vão ter jovens que vão estar bem, porque a gente começou a brigar hoje. O pessoal, lá, vai encontrar informações porque nós começamos a brigar hoje! Porque pessoas se interessaram hoje pelo que a gente vem fazendo... Não vou dizer que a gente não fique às vezes frustradas com algumas coisas... fica! Mas eu entendo hoje, como mulher negra, que o Movimento Negro em Salvador tá há quarenta, cinquenta anos lutando por espaço... e ainda continua lutando por espaço...

Tendo enfrentado a experiência da obesidade mórbida, durante certo período de sua vida, Nélia Almeida faz sinalizações importantes quanto à baixa representatividade do contingente de pessoas obesas, e dos obesos mórbidos, já que esse público não é alvo de interesse de boa parte da militância, formada, em sua grande maioria, por jovens. A representante do Coletivo Pessoas com Obesidade traz à baila o recorte geracional, e a questão da "seletividade" dentro do próprio movimento antigordofóbico.

[...] tem um problema entre o pessoal do movimento da gordofobia com a palavra obesidade: o pessoal não gosta da palavra obesidade, porque obesidade remete a doença... contudo, a gente tem que caracterizar como doença, porque se a gente não coloca como a OMS já classificou, a obesidade, a gente não consegue um tratamento digno através da Justiça,

seja na área pública, ou na área privada... Então, a gente não pode dizer que uma pessoa gorda, que tem as comorbidades: tem hipertensão, tem diabetes, tem esteatose hepática [acúmulo de gordura no fígado], tem apneia do sono, tem as pernas inchadas, tem problema renal, tem retenção de líquido, tem problemas angiológicos, cheia de varizes... não falo nem de estética... eu falo de saúde... Quinhentas pessoas hoje não buscam tratamento porque não querem ser doentes... entendeu? Aí faz o quê? Concurso de beleza! Gente, eu não tô criticando não! Eu tô vendo como uma pessoa mais experiente... Pode fazer concurso de beleza... mas pode também brigar pela saúde; um centro de referência em tratamento de transtornos metabólicos, e transtornos hormonais... defendo aqui todas as categorias, inclusive das mulheres trans, dos homens, de quem quer que seja que tenha transtorno metabólico, porque geralmente a população trans tem problema de engordar, porque o hormônio é dado indiscriminadamente... e eu defendo que seja feito com critérios médicos, pra essas pessoas também não terem danos... Então, eu, o Coletivo Pessoas com Obesidade, nós sofremos um preconceito dos outros movimentos por conta da palavra obesidade... porque as pessoas têm medo da palavra obesidade... deveriam ter medo da palavra preconceito...

Entendemos que os argumentos apresentados pelas ativistas nessa categoria dialogam de forma muito próxima com o que discutimos aqui anteriormente. Adriana, do VTG, ao falar do "...corpo real...", dos "...vários tipos de corpos gordos..." demonstra reivindicar uma representatividade para além do "biquíni" e da "praia"; para além daquela imagem da "gordibuenta" (PIÑEYRO, 2016) que a mídia busca reforçar, ao mesmo tempo em que invisibiliza totalmente, por exemplo, a "preta gorda sapatão", uma espécie de "gordimala" (idem), que se distancia do estereótipo da sexualidade heteronormativa e da beleza "assimilada", "curve", "plus size".

Sandra, do MGB, aponta a necessidade de usar a plataforma ativista/militante de maneira política, a fim de "...trazer o bem coletivo..."; critica certos interesses pessoais, de autopromoção, que podem se sobrepor aos esforços de um "...trabalho realmente relacionado ao movimento, relacionado ao coletivo...".

Nélia, do CPO, por sua vez, é incisiva ao denunciar os preconceitos dentro do próprio ativismo e o risco a que certas jovens gordas se expõem, ao atenuar - para não dizer, negligenciar

-, a ocorrência de alguma comorbidade, a fim de evitar o tratamento/acompanhamento médico, e, assim, "escapar" da "pecha" da obesidade: "...as pessoas têm medo da palavra obesidade... deveriam ter medo da palavra preconceito..."

2.2.3 Cirurgia bariátrica

O tema da cirurgia bariátrica é bastante controverso entre as militantes, embora haja certo consenso em favor da realização, quando a ameaça à vida é iminente. Os depoimentos que transcrevemos, de Sandra Santos, do MGB, e de Nélia Almeida, do CPO, respectivamente, representam percepções diferentes sobre o tema. Para a primeira, observa-se um forte posicionamento contrário à intervenção, tendo como argumento o recorte de renda/poder aquisitivo: segundo Sandra, o pós-operatório demanda custos financeiros (aquisição de medicamentos, suplementos, etc) os quais as pessoas pobres, sem renda, ou desempregadas, teriam dificuldades para arcar; aponta também que os resultados poderão não corresponder às expectativas empenhadas. Já para Nélia, que se submeteu à bariátrica, a cirurgia representou sua sobrevivência; relata, entretanto, que voltou a engordar, e necessitou recorrer à terapias alternativas.

Sandra se posiciona da seguinte forma:

[...] O fato de eu ser gorda não me incomoda; mas, o fato de as pessoas quererem demonizar o meu corpo, me incomoda. Sou contra a bariátrica; respeito as pessoas que escolhem fazer, mas sabendo realmente as consequências... porque a maioria delas não sabem... Nós fomos chamadas, do movimento, pra participar de uma palestra [sobre cirurgia bariátrica], e conversar com a nutricionista responsável [...] e aí ela [a nutricionista] começou a falar e a dizer: 'Oh, nós estamos aqui pra ajudar vocês... mas, se vocês não emagrecerem, a culpa é de vocês!' Como assim?! Sendo que a cirurgia não significa que você vai realmente emagrecer, ou que a mente da pessoa vai tá pronta pra aquilo, né? Porque é muito invasiva [...] E aí eu ia rebatendo: 'Vocês já falaram a essas pessoas que elas têm que fazer reposição hormonal a vida delas toda?! Que, às vezes, um suplemento alimentar custa duzentos, trezentos reais? E essas pessoas moram no interior; muitas delas são desempregadas! [...] então vocês têm que passar isso pra elas! E vocês não passam! Vocês tão sendo cruéis com elas; vocês estão vendendo uma

ilusão.' É tão louco, que o fato de você ser gordo nada tem a ver com seu estômago... Às vezes, é o metabolismo da pessoa que é lento...

Por sua vez, Nélia afirma,

[...] A cirurgia bariátrica realmente foi uma coisa muito importante na minha vida, porque se eu não tivesse feito a bariátrica, naquele momento, hoje eu estaria morta [...] só que eu voltei a engordar, não o tanto quanto eu tinha antes, mas eu estava recuperando peso... e aí eu voltei pra clínica com o sentido de perder peso, me reeducar... porque as células de gordura têm memória, e aí se você não leva muito tempo menos gorda, você perde tudo que você fez... a obesidade é uma doença crônica e cíclica; ela é incurável [...] e as estatística mostram que quem sai da obesidade é uma pequena fração, é um por cento de quem faz tratamento...

Em nossa pesquisa, não direcionamos o foco e nem colhemos dados ostensivos sobre esse tema. Assim sendo, diante da complexidade do assunto e da concorrência dos múltiplos fatores no quesito bariátrica, consideramos fundamental que os debates sejam intensificados, e as possíveis implicações desse tipo de intervenção, exaustivamente analisadas.

2.2.4 Atendimento médico e patologização

A estigmatização em forma de gordofobia médica, e seus efeitos físicos e psicológicos, são temas recorrentes sobre os quais apresentamos algumas considerações no capítulo I e que fazem eco com o que as coordenadoras dos movimentos vão trazer em suas falas:

A representante do Movimento Gordo, Sandra Santos, relata

A gente ouve muito, quando vai em roda de conversa, pessoas perguntarem... a gente ouviu de uma enfermeira: 'Ah, mas como é que eu vou tratar uma mulher gorda? [...] e aí a resposta foi: 'Como uma pessoa!' Muita gente não olha o tratamento da doença; olha: 'Ah, você é gorda, você tem que emagrecer!' Você tá com uma dor de cabeça : 'Você tem que emagrecer !' Você tá com uma dor no joelho: 'Você tem que emagrecer!' [...] E é exatamente isso: não existe um tratamento pras doenças do gordo; o gordo tá doente? Manda emagrecer... Porque só o emagrecer não vai resolver o problema; o magro, quando tá com alguma dor no joelho, ele faz o tratamento do joelho; e é isso que a gente busca:

que as pessoas nos vejam como pessoas... E o problema relacionado a isso é que muita gente gorda deixa de ir ao médico; então, às vezes, uma coisa que é simples se agrava de tal forma, porque a pessoa tem medo de ir até o médico e ser maltratada. [...] A maioria das pessoas gordas que eu conheço sofrem de problemas psicológicos, o que também influencia na doença física; porque se sua mente não tiver bem, seu corpo também não vai ficar.

As colocações feitas por Sandra Santos, nessa passagem, reverberam com a fala de outra ativista, Jéssica Ipólito (apresentada no Capítulo 1), que faz um comovente desabafo pessoal (e coletivo!) em seu blog, sobre o discurso médico patologizante da gordura corporal, pontuando que o discurso dos “homens brancos da ciência gananciosa” moldam, não apenas o saber científico sobre o corpo gordo, como o modo como a sociedade vai olhar para aquele corpo, como um corpo de uma pessoa incapaz do “auto-cuidado” e portanto incapaz de qualquer atividade laboral, gerando preconceito e exclusão.

Sobre a atenção ao corpo gordo/obeso durante a pandemia de Covid-19, Adriana propõe a seguinte reflexão :

A medicina considera a pessoa obesa como uma pessoa de risco... e nisso ela [a medicina] coloca todas as pessoas obesas, sendo elas gordas saudáveis, ou não... Então, a gente já é colocado como risco. E existe toda uma preocupação, também, nessa pandemia, sobre como você está na pandemia e como você vai sair depois da pandemia... e essas falas são sempre direcionadas a você estar mais gordo, de você sair da pandemia gordo [...] principalmente na internet, colocando uma pessoa menos gorda, antes da pandemia, e uma pessoa gorda - totalmente estereotipada -, após a pandemia [...] e a gente pauta a discussão pra entender que a preocupação da pandemia, principalmente na questão das Secretarias de Saúde, do Ministério da Saúde, (...) é ter acessos e dar acessos a essas pessoas, caso elas venham a precisar ser internadas por conta da Covid-19, e acessar esse espaço de saúde [...]. O que a gente mais dialogou durante essa pandemia, nas lives, nos próprios seminários que aconteceram, webnários, é exatamente a falta de acessibilidade do corpo gordo durante essa pandemia, onde pessoas estão morrendo por falta de acessibilidade, por falta de priorizar a saúde daquela pessoa, daquele corpo... os corpos que importam são os corpos brancos e magros; os corpos negros e gordos são invisibilizados pela Saúde.

Ambos os depoimentos sinalizam a necessidade e a urgência de criação, em nossa cidade, de um centro especializado na atenção à pessoa gorda/obesa, que ofereça uma abordagem plural e multidisciplinar, um ambiente de empatia, e de efetivo acolhimento psicológico e emocional, que supere aquele "...medo de ir até o médico, e ser maltratada...", tantas vezes relatado ao longo desta pesquisa.

2.2.5 Beleza, mercado de trabalho e os concursos *plus size*

"[...] isso de querer vender auto-estima, eu não aceito; porque auto-estima não se vende." Sandra Santos, Movimento Gordo da Bahia

O universo da beleza (maquiagem, intervenções estéticas e cosméticas), da moda (roupas, acessórios) e dos concursos *Miss Plus Size* são de grande interesse para algumas vertentes do ativismo gordo, o que tem sido alvo de crítica por militantes consideradas mais críticas ou radicais, o que equivale dizer, menos assimiladas pela ideologia de mercado.

Sobre algumas particularidades dos concursos *Miss Plus Size*, Sandra do Movimento Gordo da Bahia faz a seguinte exposição:

"[...] durante um bom tempo houve divergências entre os movimentos, porque as pessoas do movimento plus achavam que as pessoas do movimento gordo não as aceitavam. Quando eu digo que eu não aceito os concursos, não é que eu não aceite os concursos, não aceito as misses: eu não aceito é a exploração que existe... Hoje nem todos exploram o sonho das meninas, mas tem muita gente que faz. Que as meninas têm que pagar pra estar ali; e eu não acho justo. Quantos Miss Bahia nós temos? Um. Por que Miss Plus Size Bahia nós temos dez? [...] Dez concursos diferentes! Nós hoje, acho, que nós temos umas dez Misses Bahia Plus Size, o que é algo que eu não consigo entender e quando eu questiono isso, as pessoas acham que eu tô indo contra o sonho delas; não é, é que elas não entendem que muitas delas tão sendo exploradas: porque elas precisam pagar por roupa, pagar por maquiagem, pagar pra desfilar... A maioria delas são desempregadas! E não é só a questão do desemprego; não tem um mercado pra essas meninas trabalharem depois, não existe! E muitas vezes elas precisam trabalhar e pagar pra trabalhar; são poucas as modelos hoje em Salvador que são reconhecidas pelo seu

trabalho, que recebem um salário - não vou dizer um salário - uma remuneração pelo seu trabalho; não tem retorno financeiro pra elas; pra maioria delas, não; são muito poucas. Quando eu digo que eu sou contra isso, é que eu sou contra as pessoas que exploram os sonhos delas. [...] eu acredito que todo mundo merece viver os seus sonhos, correr atrás disso, claro... se profissionalizar, né? Porque, pra ser modelo, não é apenas tirar umas fotos e colocar nas redes sociais; é preciso estudar, é preciso se formar, e também não é justo com as pessoas que fazem isso [profissionalmente], eu tirar uma foto e dizer: eu sou modelo plus size.

Sobre o "exercício" de se ver bela, Sandra comenta

Esse é o objetivo da gente: é fazer com que essas mulheres se olhem de uma outra forma e eu também sou grata - junto com as outras meninas - pelo Movimento Plus Size, porque ele partiu do Movimento Gordo; quando a gente foi fazendo nosso trabalho; dizendo a essas mulheres que essas mulheres eram bonitas, que elas podiam se enxergar como mulheres bonitas, elas foram se vendo como mulheres bonitas, ao ponto de quererem buscar um espaço no mercado da moda e eu acho isso muito massa; [...] o que eu não aceito são as pessoas que dizem que tão ali fazendo ativismo.

Adriana, a representante do Vai Ter Gorda, por sua vez, reconhece sua forte aspiração ao mundo da moda, desde criança; afirma que foi conciliando o interesse *fashionista* com as causas gordas, mais políticas; e adquirindo assim consciência crítica, até tornar-se militante.

[...] em 2011, foi quando surgiu o primeiro concurso de Miss Brasil Plus Size - e como eu andava muito antenada com essas coisas -, me inscrevi; fui selecionada pra representar a Bahia e viajei pra São Paulo. Participei de um concurso só com mulheres gordas! E aí, sim, eu vi o que eu via, quando criança, na minha mente [...], quando eu idealizava essa representatividade de mulheres gordas[...] eu aproveitei de um título de miss, de uma faixa, de uma proa, que te dá 'portas abertas' pra discutir sobre a gordofobia, então, eu comecei a fazer palestras, a falar sobre o assunto em todos os lugares que eu ia, seja espaço de saúde, espaço de educação, de cultura, onde eu fosse. Colocava a necessidade de políticas públicas para as pessoas gordas, que eram sub-representadas e invisibilizadas pela própria sociedade, onde a indústria, o capitalismo, a indústria farmacêutica e a própria medicina, falam muito da insatisfação com nossos corpos, da nossa estética, a gente precisa tá pontuando, tá pautando essas questões, pra tentar uma harmonia, sabe? Entre os dois

lados: fazer políticas públicas, dar acessos, dar direitos... e quem quiser seguir uma linha de... 'tá insatisfeito com seu corpo ?!', e fazer bariátrica, fazer cirurgias plásticas, tem o seu direito, também! mas que não seja algo imposto [...] algo que a pessoa tenha a obrigação de fazer pra acessar algum espaço, pra ter uma vaga de trabalho!

As falas transcritas revelam dimensões distintas - porém, não mutuamente excludentes - do ativismo gordo praticado em nossa cidade. Adriana (VTG), que "idealizava" desde criança uma "representatividade de mulheres gordas" na moda e nos concursos de beleza, relata seu percurso como ativista a partir das oportunidades e da visibilidade conquistadas através do mercado Plus Size e da vertente body-positive.

Sandra (MGB), apresenta uma posição mais radical; denuncia a exploração que, conforme relata, ocorre em certos eventos de moda/beleza. Em diálogo com a socióloga decolonial Lucrecia Masson (2019), que afirma: "[...] a beleza legítima de um corpo é uma beleza branca, e o desejo também é construído a partir daí", Sandra propõe que as mulheres gordas e negras façam o "exercício" de "se enxergar como mulheres bonitas", num processo legítimo - e político! - de conquista da auto-estima - não mercantilizado.

2.2.6 Diversidade

Quando tocamos no aspecto referente à diversidade, as entrevistadas reivindicam a inclusão das pessoas gordas em espaços e eventos, que possibilitem sua maior integração social, experiências de lazer, diversão e acolhimento. Ressaltam a importância de provocar a reflexão e a conscientização das pessoas magras para a condição "gorda" em nossa sociedade.

Segundo Adriana do Vai Ter Gorda,

É importante a gente trazer pessoas magras pra essa discussão, porque um gordo, muitas vezes, sabe como tratar um gordo... mas o magro, não sabe... e a gente precisa trazer a conscientização pra esse magro, também, pra que ele entenda e respeite a diversidade do nosso corpo; não adianta a gente só tá falando pra nós; a gente tem que falar pra todo público, e para o público magro, em especial... porque você ter acessos e você ter direitos é uma questão de dignidade humana; a gente tá assistido na Constituição Federal, mas a gente, de fato, não é assistido.

Sandra, do Movimento Gordo, falou sobre **O Baile das Gordas**, um dos eventos promovidos pelo Coletivo, que está se configurando como importante espaço de entretenimento, diversidade e inclusão de pessoas gordas no Carnaval de Salvador; modelo que se dissemina para outras capitais.

[...] A gente tem o Baile das Gordas, que tá na terceira edição; que foi feito também no ano que teve o carnaval de Salvador pela Diversidade (2018), então a gente resolveu sair nesse carnaval, pra mostrar às pessoas que mulheres gordas também tinham o direito de ir pra rua fantasiadas, e mostrar os seus corpos, mostrar a sua alegria; e foi muito lindo! [...] as pessoas nos paravam na rua pra agradecer, pra dizer que tava se vendo; pessoas simples, pessoas mais requintadas, e... nos paravam e agradeciam e diziam: 'Tá lindo!' Crianças pedindo pra tirar foto... Então, foi muito bem aceito pelas pessoas... E aí, ano passado nós saímos também com mais mulheres; já saímos dois dias [...] a gente faz a organização toda virtual, né? Sou eu, Daiana Castro, Márcia, Cláudia Souza, Priscila Batista e Carla Leal, que estamos à frente, hoje, do bloco... e a gente se organiza, e chama as meninas; tem algumas meninas que já saem todos os anos - que já vai sair na terceira edição; a gente não pede nada; a única coisa que a gente pede é que elas vão fantasiadas; que levem outras mulheres gordas, ou melhor, que levem outras pessoas [...] porque a gente quer é criar realmente um espaço de diversidade, onde todo mundo se aceite, todo mundo convive bem... [...] Na verdade, a intenção da gente seria essa: da gente poder viver numa sociedade onde todo mundo nos aceitasse e nos visse como igual. [...] Eu acho muito legal porque abre espaço pra outras mulheres, né? Outras mulheres se verem, se reconhecerem [...] E depois disso, depois do Baile das Gordas, a gente viu que foi lançado também em São Paulo, e no Rio (de Janeiro), uma ala de passistas de mulheres gordas, e a gente achou isso muito legal porque partiu daqui; eh... porque quando a gente buscou, não tinha... hoje já tem; acho que em Minas Gerais, já tem também, foi criado também lá... no Rio (de Janeiro), também já foi feito agora...então, é legal ver que as pessoas vêem como exemplo, e buscam fazer... parecido, igual, melhor... sabe? mas buscam sair daquela coisa... buscam seus espaços...



Da esquerda para direita, imagens 7, 8 e 9 Baile das Gordas 2020. Fonte <https://www.instagram.com/bailedasgordas/?hl=pt>. Acesso em: 15 abr. 2021.

2.2.7 Perspectivas para o futuro

Durante nossas conversas, as ativistas demonstraram grandes expectativas para o futuro, sobretudo quanto à formalização das entidades, à elaboração de estatutos/regimentos, à criação de sede própria, entre outros. Transcrevemos a fala de Adriana Santos, do VTG, que resume o desejo geral, nesse tópico.

A gente teve grandes avanços nessa trajetória, enquanto movimento, mas o nosso ponto principal é ter uma sede; a gente vem buscando parceiros e apoiadores pra formalização de nossa instituição e um espaço pra

servir de encontros, servir de estrutura, né? uma estrutura pensada para esses corpos... pra acolher, não só na estrutura, mas também em humanização: ter pessoas preparadas, pessoas humanas pra saber se portar, saber se comunicar, pra falar com o corpo gordo, e em especial, que sejam pessoas afins, pois a gente quer dar visibilidade, dentro da nossa futura instituição, às pessoas gordas, que são invisibilizadas pela sociedade; [...] a gente quer potencializar esses profissionais, tanto homem como mulher [...] ajudar na questão da empregabilidade dessas pessoas que estão fora do mercado de trabalho, por conta da pressão estética e da gordofobia, e também pra tá oferecendo serviços, ou gratuitos ou a baixo custo, para pessoas carentes e pessoas que precisam desse atendimento não-gordofóbico.

Considerações finais

O interesse pelo estudo do corpo humano na contemporaneidade não se limita às ciências médicas e/ou biológicas. As representações sociais, políticas e ideológicas que os corpos "carregam" têm sido, cada vez mais, objeto de investigações e pesquisas, no campo das ciências sociais e do comportamento, como a sociologia, a história e a antropologia. Nesse sentido, os estudos sobre o corpo gordo (*fat studies*) ganharam forte impulso como parte da luta pelo reconhecimento, inclusão e dignidade, dos segmentos "invisibilizados" como as mulheres, os negros, os "gays", os imigrantes, etc., no bojo dos movimentos pela defesa dos direitos civis, do movimento feminista e do movimento negro, a partir da década de 1970, destacadamente, nos Estados Unidos.

Os *fat studies*, no âmbito da academia, propunham analisar as diversas formas de discriminação, alijamento e desumanização a que pessoas gordas eram submetidas, no contexto social mais amplo, como a falta de acessibilidade, a falta de oportunidades no mercado de trabalho, a alienação nas relações afetivas e na sexualidade; além da distorção da autoimagem, gerada pelo preconceito gordofóbico. O grupo de mulheres de Los Angeles, *The Fat Underground*, pioneiro no ativismo gordo, denunciou, entre os anos de 1970 e 1980, os interesses financeiros das grandes corporações farmacêuticas, de alimentos para dietas de redução de peso/medidas, e de procedimentos cirúrgicos, bem como das empresas de seguros e da indústria da moda.

A partir dos anos 2000, graças ao suporte das várias mídias tecnológicas e das redes sociais, o ativismo gordo projeta-se para países de língua hispânica e para nações da Europa Ocidental. No Brasil, a discussão sobre gordofobia começa a ganhar expressão também nesse período, por meio das redes sociais, e com a formação de grupos e coletivos, compostos, em grande parte, por mulheres gordas.

O preconceito gordofóbico caracteriza-se, entre outros, pelos fenômenos da estigmatização e da patologização. Ao ser estigmatizada, a pessoa gorda sofre "interdição" tanto pela estética - por não atender a determinado padrão de medidas e "beleza" - quanto pelo julgamento moral - seu excesso adiposo é atribuído à preguiça, à gula e/ou à falta de esforço pessoal. A patologização se dá pela associação à ideia de doença e de morbidade, pensamento amparado pelo cânone da medicina. Esse tipo de discriminação pode ser dirigido a homens e

mulheres, entretanto, essas últimas são o alvo preferencial. Conforme tentamos sustentar em nossa fundamentação teórica, à luz da crítica decolonial, as origens da gordofobia têm relação com as estruturas históricas de opressão de gênero, o sexismo, o racismo e o patriarcado.

Na discussão sobre o corpo gordo/obeso, concorrem questões diversas e complexas, que envolvem não apenas aspectos "clínicos" (hormonais, metabólicos, nutricionais, medicamentosos, emocionais, genéticos, etc) mas também outros, de maior espectro - políticos, econômicos, culturais -, como o interesse financeiro da indústria de remédios, de alimentos, de cosméticos, da propaganda, e da moda; a centralidade da episteme médica (o saber dos nutricionistas, endocrinologistas, clínicos, cirurgiões, etc); a centralidade do "corpo" nas relações sociais e de poder, tendo como base a "cosmovisão" ocidental moderna; a discussão sobre a transição nutricional e a segurança alimentar das populações pobres; o debate em torno das condições iníquas nas periferias dos grandes centros urbanos (moradia, saneamento, transporte, lazer); a carência de políticas distributivas de renda, de atenção à saúde e ao bem-estar dos desassistidos, entre outras.

Analisamos o ativismo antigordofóbico de nossa cidade, a partir da investigação de três grupos, a saber, o Movimento Gordo da Bahia, o Coletivo Vai Ter Gordas e o Coletivo de Pessoas com Obesidade do Estado da Bahia. Para cumprir nosso objetivo principal, de mapeamento desses Coletivos, apuramos o histórico de sua criação, seu perfil ideológico, seus objetivos e estratégias de atuação, as ações e atividades realizadas. Secundariamente, objetivamos identificar as pautas convergentes, as tensões entre os grupos, e os temas não abordados, ou pouco evidenciados, pela militância gorda de Salvador.

Como recursos metodológicos, utilizamos entrevistas semiestruturadas com as representantes de cada grupo, consultas na Web (Internet), breve revisão bibliográfica sobre o tema gordofobia e sobre os estudos decoloniais, e a análise qualitativa dos dados coletados nas entrevistas, cotejando-os com as referências utilizadas.

Os relatos apresentados revelam alguns "pontos de tensão", ou dissensos no interior do ativismo, como o uso dos termos "obeso/a", "obesidade", a realização da cirurgia bariátrica, o embate **movimento da positividade** versus **militância gorda**; "questões lacunares", como o recorte geracional e o recorte classe-renda, ainda pouco explorados nas discussões sobre a temática. Identificamos, outrossim, "pontos de convergência" e tangenciamentos, como a necessidade de políticas públicas específicas e a criação de Centros especializados no

atendimento à pessoa gorda/obesa, o clamor pelo respeito à diversidade e à potência do corpo gordo.

Quanto aos dissensos no interior do ativismo, identificados no âmbito desta pesquisa, entendemos como necessários e mesmo salutares, principalmente se considerarmos o ativismo (ou parte dele) como uma arena dialógica, crítica e propositiva, que busca resistir aos "tentáculos" do capitalismo, de certos interesses liberais do mercado, do sexismo e do patriarcado. O uso do termo "obesa/o" e derivados, conforme tentamos demonstrar, mais que mera escolha lexical, é uma disputa epistêmica. Nesse sentido, iniciativas como o *I Seminário de Formação em Gordofobia Médica*, promovido pelo Daab/UFMG⁴⁸, em agosto de 2020, com a participação de dezenas de estudantes e profissionais da área médica, são exemplos de esforços para a revisão dos saberes "cristalizados" sobre o corpo gordo, na formação acadêmica e nas práticas médicas.

Detectamos a carência de representatividade e protagonismo de mulheres maduras - uma "lacuna" geracional - que parece ser comum no ativismo gordo, de maneira geral. Não agregamos elementos suficientes, nesta pesquisa, para uma discussão abalizada, porém, entendemos ser necessária análise mais crítica sobre esse tópico.

Dadas às limitações de tempo e de espaço nesse tipo de investigação, reconhecemos que nosso "*corpus*" de pesquisa é reduzido - ainda que bastante representativo! Sugerimos, para futuras pesquisas, incorporar o testemunho de um maior número de participantes, de ex-integrantes e, eventualmente, de integrantes "dissidentes" de cada um dos grupos pesquisados, além de identificar e incluir outros Coletivos atuantes na cidade. Consideramos fundamental, também, aprofundar a discussão sobre eixos como raça, condições sócio-econômicas, escolaridade, sexualidade, afetividade; e agregar outros, que possibilitem um mapeamento mais amplo.

Esperamos que este trabalho represente uma contribuição aos estudos acadêmicos e, minimamente, o resgate da memória e da importância de parte do ativismo gordo em nossa capital. Entendemos, por fim, que a relevância desta pesquisa se inscreve no rol das demandas pelos direitos, pela equidade e pela dignidade da pessoa humana, sobretudo em contextos de forte desigualdade e injustiça social, como no Brasil, desafortunadamente, com clara tendência de agravamento para os próximos anos.

⁴⁸ Diretório Acadêmico Alfredo Balena, da Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Minas Gerais.

Referências

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº11. Brasília, maio-agosto de 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/DxkN3kQ3XdYYPbwwXH55jhv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 5 mar. 2020

BARROS, Mirani. Um lugar para ser gorda: afetos e erotismo na sociabilidade entre gordinhas e seus admiradores. 2017. 136f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://ufrj.academia.edu/MiraniBarros>. Acesso em: 15 abr. 2020.

CASTILLO, Constanza Alvarez. La cerda punk. Ensayos desde un feminismo gordo, lésbico, antikapitalista & antiespecista. Valparaíso: GSR, 2014. Disponível em: <https://www.bibliotecafragmentada.org/cerda-punk/> Acesso em: 4 maio 2020.

CONTRERA, Laura; CUELLO, Nicolas (comp.) *Cuerpos sin patrones. Resistencias desde las geografías desmesuradas de la carne*. Buenos Aires: Editorial Madreselva, 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/339698749_CONTRERA_Laura_y_CUELLO_Nicolas_comps_2016_Cuerpos_sin_patrones_resistencias_desde_las_geografias_desmesuradas_de_la_carne_Ciudad_Autonomade_Buenos_Aires_Madreselva_pp_189_ISBN_978-987-3861-05-5. Acesso em: 27 maio 2020.

COOPER, Charlotte. (2007) 'Headless Fatties' [Online]. Londres. Disponível: <http://charlottecooper.net/fat/fat-writing/headless-fatties-01-07/> Acesso em: 30 jul. 2021.

_____, Charlotte. Raízes do ativismo gordo # 5: Estigma. *Obesity Timebomb*, 16 de março de 2016. Disponível em: <http://obesitytimebomb.blogspot.com/> Acesso em: 5 jul. 2020.

ENERGICI, M. A.; ACOSTA, Elaine ; BORQUEZ, Florencia. Feminización de la gordura: estudio cualitativo en Santiago de Chile. *Revista de Psicología*, Santiago do Chile, vol. 25, nr. 2, pg. 1-17, 2016. Disponível em <https://www.redalyc.org/journal/264/26449350008/html/> Acesso em: 20 maio 2021.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Tradução de Coletivo Sycorax, São Paulo: Editora Elefante, 2017. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-32612019000100265. Acesso em: 2 jun. 2020

GESCO GRUPO DE ESTUDIOS SOBRE COLONIALIDAD. *Estudios Decoloniales: um panorama general*. KULA. nº6, abril de 2012. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/263167363/Estudios-decoloniales-panorama-general>. Acesso em: 10 fev. 2020

HARJUNEN, Hannele. *Women and fat: Approaches to the social study of fatness*. University of Jyväskylä, Finlandia .Tese de doutorado. 2009, 87 p. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/315658159_Women_and_Fat_Approaches_to_the_Social_Study_of_Fatnes. Acesso em: 8 jun. 2020.

IPÓLITO, Jesz. CID 10-E66: Eu, obesa. Gordas e Sapatão, 23 de janeiro de 2017. Disponível em: <https://gordaesapatao.com.br/cid-10-e66-eu-obesa>. Acesso em: 18 set. 2020.

JIMENEZ-JIMENEZ, Maria Luisa. Lute como uma gorda: gordofobia, resistências e ativismos. 2020. Doutorado (Programa de Pós Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea – ECCO) - Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. Cuiabá, MT, Brasil.

JIMENEZ, Malu. Se liga: body positive NÃO é ativismo gordo! Todas Fridas, 31 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://www.todasfridas.com.br/2020/01/31/se-liga-body-positive-nao-e-ativismo-gordo/> Acesso em: 27 jul. 2020.

LUGONES, María. “Colonialidad y género: hacia un feminismo descolonial”. En: Walter Mignolo (Org.): Género y descolonialidad. Buenos Aires, Del Signo. 2014

MIGNOLO, Walter. Colonialidade. O lado mais escuro da modernidade. Rev. Bras. Ci. Soc. [online]. 2017, vol.32, n.94. Disponível em: https://www.academia.edu/33659565/Colonialidade_o_lado_mais_escuro_da_modernidade. Acesso em: 10 fev. 2020.

ORAKA, Claudia S. et al. Raça e obesidade na população feminina negra: uma revisão de escopo, Saúde Soc. São Paulo, v.29, n.3, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/rSWR5gRGwVNpHphdqZ7sLSJ/?lang=pt>. Acessado em: 20 ago. 2021.

OYĒWUMÍ, Oyèrónké. La invención de las mujeres. Una perspectiva africana sobre los discursos occidentales del género. Tradução: Alejandro Montelongo González. Editorial en la frontera, 2017. Bogotá. Disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1665-80272018000100203. Acesso em: 5 set. 2020.

PIÑEYRO, Magdalena. Stop Gordofobia y las panzas subversas. Málaga: Zambra y Baladre, 2016. Disponível em https://www.academia.edu/40409060/Stop_Gordofobia_y_las_panzas_subversas. Acesso em: 25 mar. 2020.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: A colonialidade do saber, Eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas Latinoamericanas. Buenos Aires: GLACSO, 2005. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/lander/pt/lander.html>. Acesso em: 18 out. 2019.

QUIJANO, Aníbal. “Colonialidad del poder y clasificación social”. In: CASTRO -GÓMEZ, Santiago; GROSFOGUEL, Ramón (orgs.). El giro Decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana / Siglo del Hombre, 2007 Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/gsdll/cgi-bin/library.cgi?e=d-11000-00---off-0clacso--00-1----0-10-0---0---0direct-10---4-----0-0l--11-es-Zz-1---20-about---00-3-1-00-0--4----0-0-01-00-0utfZz-8-00&a=d&cl=CL3.2&d=D9642.2> Acesso em: 20 out. 2019.

QUINTERO, Pablo, et al. Uma breve história dos estudos decoloniais. MASP Afterall, 2019. Disponível em: https://www.academia.edu/38970475/Uma_breve_hist%C3%B3ria_dos_estudos_decoloniais. Acesso em: 20 jan. 2020.

RANGEL, Natália. A emergência do ativismo gordo no Brasil. In: SEMINARIO INTERNACIONAL FAZENDO GENERO 11 & 13 MUNDOS DE MULHERES, Florianópolis, 2017.

_____, Natália. O ativismo gordo em campo: política, identidade e construção de significados. 2018. 162 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Florianópolis, 2018. Disponível em: <http://nusec.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Nat%C3%A1lia-F.-A.-Rangel-Disserta%C3%A7%C3%A3o-de-mestrado-07.10.18.pdf>. Acesso em : 03 ago. 2021.

RESTREPO, Eduardo e ROJAS, Axel. Inflexión decolonial: fuentes, conceptos y cuestionamientos. Popayán, Colombia, Universidad del Cauca, Instituto Pensar, Universidad Javeriana, 2010.

SANT'ANNA, Denise B. 2000. Descobrir o Corpo: uma história sem fim. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/46832/29117>> Acesso em: 17 ago. 2020.

_____, Denise B. 2013. Entre o peso do corpo e o pesar da alma: notas para uma história das emoções tristes na época contemporânea. História. Questões e Debates. n. 59, p. 99-113, jul./dez. 2013. Editora UFPR. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/37035/22827>. Acesso em: 17 ago. 2020.

_____, Denise B. 2014. Da gordinha à obesa. Paradoxos de uma história das mulheres . Labrys: Revista de Estudos Feministas, janeiro/junho. Disponível em: <https://www.labrys.net.br/labrys25/corps/denise.htm> . Acesso em: 25 ago. 2020.

TOVAR, Virgie. Tienes derecho a permanecer gorda. Tradução de Begoña Martínez. Madri. Editorial Melusina. 2018

WOLF, Naomi. O mito da beleza. Como as imagens da beleza são usadas contra as mulheres, Trad., W. Barcellos, Rio de Janeiro: Rocco. 1992